

Repartição do Turismo



I CONGRESSO HOTELEIRO



28 E 29 DE ABRIL DE 1917

TURISMO DE
PORTUGAL





MINISTERIO DO FOMENTO

Repertição de Turismo

Travessa da Espera, 7-1.º

Ex.º Sr.

CONGRESSO HOTELEIRO

Comissão organisadora:

Dr. Magalhães Lima

Presidente do Conselho de Turismo

Conde de Caria

Presidente da Associação
dos Proprietários e Arrendatários
de Aguas Minerio-Medicionaes

Adães Bermudes

Delegado da Associação de Arquitectos

Dr. Jeronymo Couto Rozado

Delegado da Associação
dos Proprietários de Hotéis
e Restaurantes

Antonio de Vasconcellos Correia

Engenheiro; delegado da
Sociedade de Propaganda de Portugal

João Narcizo da Silva

Proprietario do Hotel Francfort

Manuel Caldeira

Proprietario do Restaurant Tavares

Humberto Zenoglio

Co-Proprietario do Grande Hotel Borges

Manuel Roldan y Pego

Engenheiro, Membro do Conselho
de Turismo

Dr. José d'Athayde

Director da Repartição de Turismo
e Secretario do Conselho de Turismo

N. H. — Pede-se o obsequio duma resposta imediata a fim de serem enviados o bilhete de identidade, teses, memórias e outros documentos relativos ao Congresso. Todas as Companhias de Caminhos de Ferro concedem valiosos descontos nos bilhetes de passagem dos Congressistas.

A industria hoteleira não atingiu ainda o grau de perfectibilidade que lhe é licito alcançar num paiz como o nosso em que sobejam os motivos, fáceis de enumerar, para que tal industria se desenvolva e prospere.

Não possui o paiz, com excepção de alguns poucos estabelecimentos, hotéis verdadeiramente dignos deste nome e a maioria do pessoal que neles se emprega não dispõe de necessaria instrução para o bom desempenho das funções que exerce. Acresce ainda, que não existe entre os hoteleiros do paiz qualquer laço de solidariedade que os prenda, que os ligue para uma defesa de interesses comuns e reciprocos, antes até cada hoteleiro vive uma vida inteiramente á parte dos seus colegas a quem tem na conta de rivais e concorrentes, quando seria preferivel consideral-os como cooperadores e auxiliares, tendo em vista o desenvolvimento e os progressos da sua industria.

Com o fim de resolver alguns dos principaes problemas que interessam a industria hoteleira, promovem os abaixo assignados, por delegação do Conselho de Turismo, do Ministerio do Fomento, um Congresso Hoteleiro que se deve realizar nos dias 28 e 29 de abril do corrente ano.

Nesse Congresso, o primeiro no género que se realiza entre nós, serão apresentadas varias teses que sobremaneira interessam á vida de hotelaria portuguesa, versando assuntos que todo o bom hoteleiro necessita conhecer para poder conscienciosamente dirigir e orientar os seus estabelecimentos.

Fala-se a cada passo no desenvolvimento da industria hoteleira no estrangeiro. Cita-se a Suissa como paiz modelar em organizações hoteleiras. Esquece-se porém, que nos paizes em que a industria hoteleira atingiu um mais alto grau de perfeição e de desenvolvimento, tal estado se deve exclusivamente ao esforço dos proprios hoteleiros, principaes interessados em tirar da sua profissão o maior proveito possivel, não perdendo de vista que os seus interesses se ligam profundamente com os do paiz. Para poderem alcançar a prosperidade que hoje disfructam constituíram-se em sindicatos, criaram associações, reuniram-se muitas vezes em Congressos.

Imitemol-os. Aproveitemos o seu exemplo salutar. Não percamos tempo. Reunamo-nos em abril proximo para deliberarmos sobre o que nos cumpre fazer para que a industria hoteleira seja em Portugal o que é lá fóra: um factor de riqueza e um elemento de progresso.

Os abaixo assignados teem a honra de convidar V. Ex.ª a inscrever-se como congressista.

A resposta de V. Ex.ª deverá ser enviada para a séde da Comissão: Repartição de Turismo, Travessa da Espera, 7, 1.º.

Saude e Fraternidade.

(a) Magalhães Lima
Conde de Caria
Antonio Vasconcellos Correia
Adães Bermudes
Jeronymo Couto Rozado
João Narcizo da Silva
Manuel Caldeira
Humberto Zenoglio
Manuel Roldan y Pego
José d'Athayde



TURISMO DE
PORTUGAL



A INDÚSTRIA HOTELEIRA

* * * Tese apresentada
ao 1.º Congresso Hoteleiro
por Manuel Roldan y Pego

* Engenheiro, Director Secretário da
Sociedade de Propaganda de Portugal
e membro do Conselho de Turismo *



~~~~~  
LISBOA \* IMPRENSA NACIONAL \* 1916

TURISMO DE  
PORTUGAL



## A indústria hoteleira

Aplicando ao nosso país as frases de Hugues Le Roux, o turismo não é um passatempo de abastados, nem um desporto, nem apenas uma indústria ou um comércio, mas, na sua verdadeira significação, é o país completamente desenvolvido nos seus interesses económicos, animado na sua vida regional, conservado nas suas tradições, engrandecido na sua hospitalidade, embelezado nos seus cantos pitorescos, numa palavra decuplicado em todas as suas riquezas materiais, morais, intelectuais e artísticas.

Todos os países que caminham na vanguarda da civilização estão de acôrdo sôbre a importância económica, financeira, comercial e agrícola do turismo, que é considerado como uma forma de actividade contemporânea, que estabelece relações entre os homens, trazendo-lhes ensejo para repouso, para mudança de ambiente e de clima, para troca de ideias e de imagens, para conhecimento de costumes de vários povos, para instrução. Tem elle subido valor para um país como o nosso que oferece todos os aspectos pitorescos do mar, das serras, dos campos, tam variados, as belezas architectónicas dos monumentos, a variedade de trajos e costumes regionais. Emquanto que, fora de Portugal todos o auxiliam, e a corrente de turistas aparece como um rio benéfico, condutor de areias de ouro, que um esforço comum capta, dirige, canaliza, draga e conduz de forma a fecundar os países que cruza, entre nós se lhe não abre leito, se lhe não afunda canal.

São dois os primeiros capítulos de preparação para o conforto e êxito do turismo, — bons e cómodos hotéis, — estradas boas e bem conservadas.

É do primeiro capítulo — A indústria hoteleira — de que me vou occupar e que dividirei em três partes: a *instalação*, o *personal* e o *crédito hoteleiro*.

### A instalação

Duas espécies de hotéis são precisos em Portugal para a sua preparação para o turismo, — hotéis de luxo — para o turismo abastado, destinados às grandes cidades, às estações balneares e pontos de grande movimento: — hotéis modestos, — confortáveis, para o turismo menos rico, para pontos da província, para os balneários de menos importância.

Para qualquer dêstes hotéis a instalar não devem ser aproveitadas casas velhas com corredores tortuosos e soalhos acidentados.

A situação mais apropriada para um hotel é no meio de um parque, numa encosta, rodeado de flores e de *pelouses*, com amplos balcões e quartos orientados ao sol. Se porêm força maior obrigar o hoteleiro a edificar no centro de cidades deve escolher de preferência terreno bordando uma vasta praça, uma bela avenida ou um grande jardim. Cuidará também de guardar a perspectiva evitando um horizonte limitado.

O hotel deverá ter o menor número de pátios interiores, e, quando isso se não possa evitar, serão elles espaçosos e ajardinados, onde o ar e o sol penetrem livremente. Os jardins do hotel, amplos e mui cuidados, devem ter cómodos assentos, pequenas mesas para chá e refeições, caramanchões, cascatas, cantos sombreados



pela verdura, lagos com barcos para *canoating*, recintos para *tennis*, patinagem, *croquet* e outros jogos, balouços, aparelhos de ginástica, divertimentos para crianças, muita flor, muita água, muito pássaro cantador em gaiolas ocultas em maciços de arvoredo.

Nas povoações pequenas, nos pontos de interesse turístico, onde o espaço não falta, os hotéis não devem ser situados à margem da estrada, da rua, respirando a poeira, mas no meio de jardins, parques ou pinhais.

Nenhum hotel, quer de luxo, quer modesto, deverá ter muros fechando os seus jardins, os seus parques, mas gradeamentos artísticos nos *palaces* e sebes de espigueiros, de roseiras, de giestas, de trepadeiras, nos hotéis modestos.

**Hotéis «palaces».** — A sua entrada deve ser majestosa, o vestíbulo vasto, lindamente ornamentado, a seguir um jardim de inverno ou *hall*, aquecido ou arrefecido conforme a estação, mobilado com gosto por pequenas mesas e cómodos *fauteuils*, cheio de flores, de palmeiras, com repuxos, colunas de mármore, frisos artísticos, vidraças policromas, muita luz, natural e artificial, muito ar. Nestes jardins serão servidos *five o'clock teas* e haverá concertos.

Os salões de leitura, de biblioteca, de conversa, de correspondência, de bilhar, de fumar, artisticamente ornamentados, com iluminação zenital e iluminação parcial nas mesas de trabalho e de jogo, deverão oferecer todo o bem-estar, todo o conforto. Estes salões estarão isolados da parte do hotel destinada a alojamento, por darem assim mais facilidade e maior liberdade ao seu agrupamento, supressão dos pontos de apoio precisos para receber as cargas dos andares superiores, faculdade de dar às salas a altura proporcionada à sua superfície e à possibilidade de receberem luz zenital.

As salas de jantar devem ser situadas em rés-de-chão elevado, com grande pé direito e com luz directa ou zenital, mobiladas com pequenas mesas de duas a quatro pessoas, mui adornadas de flores, com roupas mui finas, cristais e louças de boa qualidade, talheres de prata ou de *Christoffle*. O serviço será feito por carros aparadores, níquelados, deslocáveis ao longo das mesas, conduzindo as iguarias em pratos cobertos. Os criados, de luvas brancas imaculadas e sapatos com sola de borracha, para evitarem ruído, não conversarão e terão ao seu cargo o menor número possível de mesas, para sollicitamente as poderem servir. Os *menus*, artísticos, com o programa do concerto, serão muito escolhidos, e as iguarias cuidadosamente cozinhadas. A carta dos vinhos mui completa, e tanto estes como os licores de primeira qualidade. Café e cacau dos melhores da nossa produção colonial e o chá do mais fino.

As refeições serão sempre acompanhadas de concerto por orquestra ou sexteto com programa escolhido.

Ampla e bem lançada escadaria ligará o rés-do-chão com os pavimentos destinados a habitações. Os corredores desses pavimentos para onde abrem os quartos ou departamentos serão largos, com bom pé direito e claramente iluminados, natural ou artificialmente.

Os alojamentos serão formados por três compartimentos ligados por corredor, quarto, sala de banho e *toilette* e retrete com autoclismo. Terão água quente e fria canalizada, aquecimento, telefone de serviço interior e da rede geral, caixa de correio, armário para fato e calçado a limpar, fechos eléctricos nas portas, movidos desde o leito por pressão, e lâmpada eléctrica sobre a porta de entrada, no corredor, que acende à chamada, desaparecendo a campainha. Os quartos oferecerão a máxima comodidade, espaçosos, com boa cubagem e grande janela.

As instalações sanitárias devem ser de primeira ordem, o W. C. de louça branca com jacto de água produzido por pressão, a tina de ferro esmaltado com tor-



neiras, aparelhos de duche e de esgôto niquelados, tapetes de cortiça comprimida junto à tina e ao lavatório, prateleira de vidro e níquel para a colocação dos utensílios de *toilette*, garrafa e copos de cristal, cesto para a roupa suja, saco impermeável para o lençol, cadeiras de madeira ou junco pintadas. As instalações sanitárias tem de obedecer às seguintes condições: separação absoluta entre as descargas dos banhos e *toilettes* e as descargas dos W. C.; emprêgo de meios assegurando a oclusão hidráulica absoluta dos sifões; soalhos de mosaico.

A cama de madeira, cobre ou latão niquelado, com colchões de arame e de lã e travesseiros de summauma, deve ser vestida com roupas de boa qualidade. Móveis de luxo em madeira pulida ou encerada, com placas de vidro sôbre as mesas e a cómoda. Uma pequena caixa forte para guarda das jóias e dinheiro deve estar embutida na parede.

As paredes e os tetos devem ser pintados a óleo ou tintas de água com lindas ornamentações e os cantos arredondados. Grandes vidraças nas janelas, abrindo com facilidade e com portas interiores de madeira que fechem herméticamente.

As portas de entrada dos alojamentos serão duplas, para evitar o ruído dos corredores, e revestidas de aro de feltro ou borracha para bem fecharem. Os tabiques devem ser de teijolo furado ou de teijolo de vidro furado para evitar a ressonância.

A iluminação do alojamento deve ser abundante, não esquecendo lâmpadas à cabeceira da cama, no cimo do *toilette*, guarda-fato, na mesa de escritório, na retrete e na sala de banho.

Os departamentos conterão um ou mais salões, além dos alojamentos.

Em cada pavimento haverá um salão de serviço, perto da escada, destinada ao mesmo fim, munido de quadro com lâmpadas de três côres e números, que indique os quartos e os serviços, e onde um piquete estará em serviço permanente. Esta sala terá estufa, caldeira com água quente, fogão de gás e arrecadação de baixela para os pequenos almoços.

No hotel *palace* haverá salão de festas para concertos e espectáculos, salas de gymnástica, recintos de patinagem, balcões, varandas, terraços, aquecimento central por vapor de água a baixa pressão ou ar quente, ventilação artificial, piscina de natação, etc.

Em pavilhões, *garage* para automóveis, com serralharia e oficina para pequenas reparações, alojamento para *chauffeurs*, instalações de energia eléctrica, cocheiras e cavalariças.

Em anexos ou no sub-solo serão instaladas as cozinhas com grades para a aspiração dos cheiros e do ar quente, duplo serviço, economato, serviço de incêndios, instalação de aspiração de poeiras, lavandaria, padaria, instalações eléctricas, de aquecimento, de arrefecimento, etc.

Nos hotéis *palace* das termas, das praias, as salas de banho dos alojamentos terão canalizações de água mineral ou salgada, quente e fria, de forma que o hóspede, sem sair das suas habitações, possa receber o tratamento ministrado por enfermeiro.

**Hotéis modestos.** — Não devem ser edificios pretenciosos mas elegantes e estéticos, em harmonia com o quadro que os rodeie, bem situados, facilmente acessíveis por largas avenidas.

As condições essenciais para um hotel modesto são:

Na frente da fachada principal um jardim, para o qual abrirão a casa de jantar, o terraço, as salas de descanso, de leitura, etc. Flores no terraço. *Tennis*, balouços e jogos vários nos jardins.

O exterior cuidado e atraente.

Boa entrada, elegante, mas modesta.



Escadas bem lançadas e adornadas de plantas.

Os quartos com boa cubagem, pintados a tinta laca ou tinta de água, com elegantes frisos, tudo em cores claras e frescas, sem panos nas mesas e cadeiras, sem cortinados nas janelas, amplas, abertas para a vista panorâmica ou para os jardins e apenas resguardadas por *brise-bises* e estores laváveis. Paredes e tetos lisos com os ângulos arredondados. O chão encerado ou coberto de oleado. Ao lado da cama tapete móvel e lavável. Mobiliário cómodo e simples de *pitch-pine* ou outra madeira clara, de pouco preço, envernizada, polida, encerada ou pintada a tintas-lacas claras. Os pés dos móveis bastante altos para se poder varrer, lavar ou encerar o chão. Placas de vidro nas mesas. Muito gosto e simplicidade. Gabinete de *toilette* com água canalizada fria e quente, bacia de faiança branca com esgôto, chão de mosaico, tapetes de cortiça prensada. Cama de metal amarelo ou niquelado, excessivamente esmerada nas roupas mui brancas, mui limpas. Colchões de arame e de lã, mui macios. Um cabide de coluna ou guarda-fato com espelho. Três lâmpadas, mínimo, no quarto. As instalações higiénicas dum asseio inexcédível, bem arejadas, as paredes forradas de azulejos ou pintadas, mui brancas, tudo mui brilhante. Chão de mosaico, bacia de louça vidrada com sifão munido de oclusão hidráulica absoluta e autoclismo, papel higiénico, lavatório e toalhas. Muito *ripolin*, muito azulejo, muito vidro, muita faiança branca sem falhas, muito mosaico, muita peça niquelada, muita água. As tinas serão de ferro esmaltado, com descargas não ligadas aos esgotos das instalações sanitárias. Fossas inodoras onde não houver rede de esgotos.

O interior do hotel, tanto no vestíbulo, salas, corredores, escadas, quartos, cozinha, deve oferecer o maior conforto, sem luxo e absoluto asseio, e tudo dirigido por um hoteleiro consciencioso, conhecedor e amante da sua profissão.

A mesa dum hotel modesto, simples, confortável e mui limpa, deve ser mui esmerada, as iguarias bem cozinhadas. As refeições devem reduzir-se a três pratos bem preparados com produtos frescos e dos melhores, terminando por boas frutas, raro nas nossas mesas de hotéis, mesmo nas regiões mais abundantes em frutas.

Os vinhos devem ser da região e excelentes. O hoteleiro tem de ser conhecedor de vinhos e cuidar muito a sua escolha e conservação, evitando todo o prejuizo no engarrafamento, enrolhamento e guarda na garrafeira, que deve ser limpa e cuidada. O hoteleiro deve ter uma carta de vinhos sincera nas qualidades e razoável nos preços.

O hoteleiro consciencioso e desejoso de manter o bom nome da sua casa, desinfectará a miúdo os quartos e instalações higiénicas, de forma que neles não exista o mais leve cheiro.

Os preços de alojamento, refeições, pensão, etc., devem ser afixados nos quartos e corredores.

### O pessoal

Para ter êxito o que fica exposto, é indispensável que o pessoal hoteleiro seja educado. A profissão de hoteleiro aprende-se em escola especial porque ela obriga a instrução especial.

Na Suíça a arte hoteleira é uma verdadeira ciência, com inúmeras escolas. A Áustria tem 23 escolas hoteleiras, onde 72 professores educam 3:000 alunos. Há escolas semelhantes em Berlim, Dresden, Francfort, Munique, etc.

O hoteleiro precisa adaptar-se às modernas necessidades do turismo; o seu papel económico modificou-se por tal forma, que carece, além das qualidades pessoais, que foram sempre o sucesso do hoteleiro, dum educação, dum instrução especial que lhe permita compreen-



der bem a sua indústria e adaptar as suas múltiplas engrenagens às actuais necessidades. A sua profissão é hoje mais complicada do que outrora. Os seus conhecimentos técnicos não se podem limitar à escolha dos alimentos, precisa conhecer quanto se cria de novo sobre higiene e mobiliário, tem de saber línguas, história, geografia, arquitectura, arte, ornamental, jardinagem, botânica, silvicultura e conhecimento completo das belezas naturais, asquitectónicas, história e geografia da região onde exerce a sua indústria.

O curso de hoteleiro, de que já a Sociedade Propaganda de Portugal, pela sua comissão de hotéis, tomou a iniciativa, conseguindo que fôsse criado na Casa Pia, e que foi conscienciosa e desinteressadamente regido, durante dois anos, pelo nosso benemérito colega o Sr. Wissmann, e que foi suprimido por uma má compreensão da sua utilidade, contribuiria a dar colocação a muito português, pois que entre nós a maioria dos hoteleiros e empregados de hotéis são estrangeiros, e faria criar interesse e amor pelo seu país a muito português, cujo valor melhor conheceria.

### O crédito hoteleiro

É absolutamente indispensável, para o desenvolvimento da indústria hoteleira em Portugal, criar ou:

a) O crédito hoteleiro por meio do *warrant*, título endossável, emanado do tribunal ou câmara de comércio da área onde o hotel existe, e em que são mencionados os bens mobiliários do hoteleiro e as garantias que oferece;

b) Ou os bancos populares hoteleiros, como deseja a França.

Na Suíça existe, entre os bancos e os hotéis, uma espécie de associação, pois os financeiros compreenderam, e muito bem, que são legião os que aproveitam, directa ou indirectamente, com o desenvolvimento do turismo e com a prosperidade dos hotéis, dando riqueza e movimento ao país e consequentes lucros aos seus estabelecimentos.

*Manuel Roldan y Pego.*



# PESSOAL DE HOTÉIS E RESTAURANTES

NECESSIDADE DE UMA ESCOLA PARA A SUA EDUCAÇÃO

\* \* \* Tese apresentada

ao 1.º Congresso Hoteleiro

por José d'Ataíde \* \*

\* \* Director da Repartição do Turismo

e Secretário do Conselho do Turismo \*



~~~~~  
LISBOA * IMPRENSA NACIONAL * 1916

TURISMO DE
PORTUGAL



«Para nos convertermos numa nação de
vilegiatura a sério, temos
.....
de organizar os hotéis e educar-lhes o
pessoal, mas de cima a baixo;

(António Arroyo — *Relatório sobre o ensino
elementar comercial e industrial*, p. 72).

O decreto de 28 de Novembro de 1914 e o regulamento de 15 de Junho de 1915, tendo como objectivo principal a construção, entre nós, de hotéis de certa categoria, constituem duas medidas de largo alcance para o desenvolvimento da nossa indústria de turismo. Este decreto, a que o citado regulamento dá execução, representa a primeira de uma série de providências com que o Estado tem fatalmente de dotar a indústria de vilegiatura, se na verdade quer que ela se fortaleça e avigore, estabelecendo neste solo português, que como nenhum outro lhe é propício, profundas e poderosas raízes.

Restringindo o nosso estudo, de harmonia com o programa d'este Congresso, exclusivamente à indústria hoteleira, somos de opinião que não é bastante tal medida para que esta indústria possa atingir o grau de desenvolvimento que alcançou noutros países, alguns d'elles bem inferiores ao nosso pelo que diz respeito às condições naturais, mas que com elle realizam somas verdadeiramente fabulosas.

Assim, quanto a nós, não basta construir sumptuosos edificios, com magníficos parques, vastos campos de jogos, feéricas iluminações, modelos de conforto, de hygiene e de beleza, como se tem em vista com o decreto de 28 de Novembro de 1914.

É necessário mais alguma cousa de que não cura esse diploma.

É necessário que na superior direcção d'esses estabelecimentos e na dos seus congéneres mais modestos, bem como no desempenho das múltiplas funções d'estes complicados organismos que são os hotéis de luxo, haja pessoal idóneo, competente e devidamente instruído, formando uma idea nítida e perfeita da sua colaboração.

Para que um hotel e um restaurante funcionem de molde a satisfazer a exigência do cliente moderno, é mister que ao pessoal neles empregado tenha sido ministrada uma educação especial, perfeitamente de harmonia com as funções que tem a desempenhar, que, diga-se de passagem, em certos cargos, são duma natureza muito melindrosa.

O turista moderno não tem o mais ligeiro ponto de semelhança com o antigo viajante, que se contentava com uma cama mais ou mais limpa e com uma comida simples em uma modesta estalagem. Na própria Suíça —, o país com mais remotas tradições turísticas, — ainda há trinta anos a roupa de cama em grande número de hotéis era tudo quanto há mais sumário: j um *único* lençol sobre que se dormia e um cobertor!

Mas o viajante de hoje é um ser requintado, cheio de exigências, costumado a todas as comodidades. Os progressos dos caminhos de ferro, dos vapores e dos hotéis, converteram-no num *raffiné*, a quem o menor desconforto perturba e contraria.

O hotel tem de ser, por conseguinte, um lugar aprazível, que reúna e proporcione todas as comodidades. Podendo deixar de ser luxuoso, é indispensável que seja

TURISMO DE
PORTUGAL



confortável. As suas instalações sanitárias tem de obedecer em tudo às modernas prescrições de higiene.

¿Temos nós, porventura, no nosso país, hotéis nestas condições?

Exageraríamos se disséssemos que não. Em Portugal existem alguns hotéis que não se podendo, certamente, considerar como modelos, são, todavia, bastante aceitáveis.

Alguns proprietários de hotéis começaram a abrir os olhos e procuraram introduzir nos estabelecimentos que lhes pertencem os mais recomendados e notáveis melhoramentos. Outros, naturalmente, imitarão este procedimento.

Acresce ainda, por outro lado, que existem vários projectos de hotéis para serem construídos à sombra do decreto de 28 de Novembro de 1914, e, se se converter em lei a proposta que estabelece a fiscalização do Conselho de Turismo sobre os hotéis do país, não nos repugna acreditar que muito em breve poderemos contar com um razoável número de hotéis em condições de não envergonharem o país.

Mas, como atrás dissemos, isto não é tudo. Precisamos também arranjar pessoal idóneo, bem educado, apto para as funções que tem a desempenhar.

Se nos preguntarem se o nosso pessoal hoteleiro e de restaurantes é competente, sob pena de faltarmos à verdade, não poderemos, deixar de responder negativamente, o que não quer dizer, é claro, que não haja um ou outro gerente de hotel que conheça os deveres do seu cargo e alguns cozinheiros e bastantes criados de mesa que não sejam bons em qualquer parte do mundo.

Mas, desgrazadamente, a maior parte da gente empregada em hotéis e restaurantes não faz a menor ideia do que é a sua profissão. Foi o acaso que a trouxe para dentro de um hotel ou de um restaurante, mantendo-se o iniciado na absoluta ignorância do que é, no fundo, a sua profissão.

É necessário, por conseguinte, preparar o gerente, ensinar o cozinheiro e o criado de mesa e quarto, numa palavra, *educar* todos aqueles que no hotel e no restaurante ocupam qualquer função. E esta preparação, este ensino e esta educação, só se podem obter nas escolas.

O *gerente* de um grande hotel ou restaurante não se improvisa.

Ele é o cérebro, a alma e o coração de um complicado organismo que é necessário manter são, ileso e no mais completo e perfeito funcionamento sob pena de estiolar e morrer. Tem de ter um grande tacto administrativo. Tem de conhecer nas mais insignificantes particularidades todos os serviços do hotel. Como lhe compete superintender e dirigir todos os grandes fornecimentos do hotel, precisa conhecer as condições de venda dos mercados, valor dos géneros alimentícios e de todos os outros géneros e artigos consumidos pelo hotel. Tendo de lidar com pessoas de condição, instruídas e viajadas, é necessário que seja um perfeito *gentleman*. Precisa falar as línguas e estar a par da vida contemporânea, estando apto para acompanhar a conversa de qualquer cliente. É indispensável que conheça a história e a geografia do país onde exerce a profissão¹.

Se é difícil a profissão de gerente, não o é menos a de criado. É uma profissão que não se amolda a todos os temperamentos.

É preciso que ele seja dedicado sem ser servil, solícito e oportuno sem ser impertinente, delicado sem ser untuoso, discreto sem ser... mudo. Tem de apresen-

¹ M. F. Lequime, presidente do *Auberge*, chega ao ponto de exigir que o hoteleiro mostre até, de certo modo, conhecimentos sobre o país dos seus clientes. Vide «Le métier d'hôtelier s'apprend à l'École», edição especial do *Matin*.



tar-se bem; trajar com asseio e propriedade; cuidar do rosto e do cabelo; as unhas devem merecer-lhe especial atenção...

Tendo de lidar com pessoas de temperamento e carácter diferentes, delicados uns, impertinentes e grosseiros outros, o criado precisa saber conduzir-se com todos estes indivíduos, suportar-lhes os azedumes e as más vontades, tolerar-lhes as manias e as exquisites, desculpar-lhes as excentricidades. Tudo isto se pode conseguir com um pequeno esforço e sem quebra de dignidade. O nosso criado é, em geral, um pouco altaneiro, o que, diga-se de passagem, não se casa bem com a profissão. Quem se não sente com temperamento para suportar certas cousas, não abraça uma profissão, como a de criado, onde os atritos e os espinhos podem surgir a cada passo. O criado não deve nunca mostrar má catadura, e em caso algum deverá *discutir e alterar* com o cliente.

Quem pode ocupar-se de qualquer falta de serviço ou de atenção para com o hóspede é exclusivamente o proprietário do hotel ou o gerente que, ainda assim, não deve perder de vista que ao hóspede são devidas todas as atenções e deferências.

¿O que é o nosso criado de hotel e de restaurante em geral?

Um antigo moço de cozinha, importado de Pontevedra ou de Vigo, improvisado em criado, sem formar a mais ligeira idea das responsabilidades e deveres do seu cargo. Dai, essas criaturas grosseiras, ordinárias, mal-criadas, o cabelo cheio de caspa, as unhas negras, o fato sebento, com que tam a miúde deparamos nos nossos hotéis e restaurantes.

É culpa deles? Não, certamente; porque na maioria dos casos não fazem mais do que copiar o que vêem, os mais novos limitando-se a imitar os mais velhos.

Culpa dos patrões? Também não. Se os patrões, quasi sempre, também não compreendem a posição que desempenham na sociedade.

Se atentarmos nos cozinheiros, nos *grooms*, nos porteiros, em todos os outros cargos do hotel ou do restaurante, vamos na mesma encontrar indivíduos imperfeitamente dotados para o exercício da profissão.

Desempenhando a indústria hoteleira um tam importante papel na indústria do turismo, os progressos duma dependendo absolutamente dos progressos da outra, torna-se necessário cuidar seriamente dela, orientando-a e impulsionando-a devidamente.

Lá fora, onde estas cousas são objecto de larga controvérsia e estudo, reconheceu-se a necessidade de criar escolas com o fim especial de educar o pessoal hoteleiro.

Há escolas na Áustria, na Alemanha, na Suíça e na França.

Graças à iniciativa da *Commissione Miglioramento Alberghi* do Touring Club Italiano, também a Itália tem desde há pouco uma escola onde os indivíduos que queiram seguir profissões hoteleiras podem obter a necessária educação.

Para se fazer idea do ensino ministrado nestas escolas, transcrevemos seguidamente o programa dalgumas delas.

A mais antiga escola de hoteleiros da Suíça é a de Lausanne.

O programa consta das seguintes disciplinas: linguas francesa, inglesa, alemã e italiana; aritmética; geografia geral e geografia das vias de comunicação; história suíça e instrução cívica; contabilidade, de preferência a contabilidade aplicada ao hotel; caligrafia; conhecimentos sobre viveres e mercadorias; teoria do serviço de hotel; lições de boa apresentação; higiene, gymnástica, jogos e dança.

Em Lucerna há outra escola para hoteleiros com o



tar-se bem; trajar com asseio e propriedade; cuidar do rosto e do cabelo; as unhas devem merecer-lhe especial atenção...

Tendo de lidar com pessoas de temperamento e carácter diferentes, delicados uns, impertinentes e grosseiros outros, o criado precisa saber conduzir-se com todos estes indivíduos, suportar-lhes os azedumes e as más vontades, tolerar-lhes as manias e as exquisites, desculpar-lhes as excentricidades. Tudo isto se pode conseguir com um pequeno esforço e sem quebra de dignidade. O nosso criado é, em geral, um pouco altaneiro, o que, diga-se de passagem, não se casa bem com a profissão. Quem se não sente com temperamento para suportar certas cousas, não abraça uma profissão, como a de criado, onde os atritos e os espinhos podem surgir a cada passo. O criado não deve nunca mostrar má catadura, e em caso algum deverá *discutir e altercar* com o cliente.

Quem pode ocupar-se de qualquer falta de serviço ou de atenção para com o hóspede é exclusivamente o proprietário do hotel ou o gerente que, ainda assim, não deve perder de vista que ao hóspede são devidas todas as atenções e deferências.

¿O que é o nosso criado de hotel e de restaurante em geral?

Um antigo moço de cozinha, importado de Pontevedra ou de Vigo, improvisado em criado, sem formar a mais ligeira idea das responsabilidades e deveres do seu cargo. Daí, essas criaturas grosseiras, ordinárias, mal-criadas, o cabelo cheio de caspa, as unhas negras, o fato sebento, com que tam a miúde deparamos nos nossos hotéis e restaurantes.

É culpa deles? Não, certamente; porque na maioria dos casos não fazem mais do que copiar o que vêem, os mais novos limitando-se a imitar os mais velhos.

Culpa dos patrões? Também não. Se os patrões, quasi sempre, também não compreendem a posição que desempenham na sociedade.

Se atentarmos nos cozinheiros, nos *grooms*, nos porteiros, em todos os outros cargos do hotel ou do restaurante, vamos na mesma encontrar indivíduos imperfeitamente dotados para o exercício da profissão.

Desempenhando a indústria hoteleira um tam importante papel na indústria do turismo, os progressos duma dependendo absolutamente dos progressos da outra, torna-se necessário cuidar sériamente dela, orientando-a e impulsionando-a devidamente.

Lá fora, onde estas cousas são objecto de larga controvérsia e estudo, reconheceu-se a necessidade de criar escolas com o fim especial de educar o pessoal hoteleiro.

Há escolas na Áustria, na Alemanha, na Suíça e na França.

Graças à iniciativa da *Commissione Miglioramento Alberghi* do Touring Club Italiano, também a Itália tem desde há pouco uma escola onde os indivíduos que queiram seguir profissões hoteleiras podem obter a necessária educação.

Para se fazer idea do ensino ministrado nestas escolas, transcrevemos seguidamente o programa dalgumas delas.

A mais antiga escola de hoteleiros da Suíça é a de Lausanne.

O programa consta das seguintes disciplinas: línguas francesa, inglesa, alemã e italiana; aritmética; geografia geral e geografia das vias de comunicação; história suíça e instrução cívica; contabilidade, de preferência a contabilidade aplicada ao hotel; caligrafia; conhecimentos sobre viveres e mercadorias; teoria do serviço de hotel; lições de boa apresentação; higiene, gymnástica, jogos e dança.

Em Lucerna há outra escola para hoteleiros com o



seguinte programa: língua e correspondência francesa, alemã e inglesa (italiana facultativa); contabilidade; noções de direito, de aritmética e de geografia; conhecimentos gerais sobre a indústria hoteleira; arte de bem servir à mesa e de bem se apresentar; curso de cozinha, de enologia, de copa, de mercadorias e víveres. Noções gerais sobre o reclamo, construções de hotéis, mobiliário, etc.

Em Viena há uma escola com um programa quasi idêntico à escola de Lucerna. Esta escola é muito frequentada.

Em 1910-1911 teve uma frequência de 2:311 alunos. Funciona sob a fiscalização de uma comissão composta de um delegado do Ministério das Obras Públicas, um delegado do conselho escolar da Áustria e de um representante da principal associação de classe.

Na Áustria e Hungria, além desta escola, ainda há muitas outras, funcionando mais ou menos como a de Viena. Assim, Bolzano, Lines, Reichenberg, Brünn, Karlsbad, Graz, Lubiana, etc., tem escolas hoteleiras.

Em França poderemos mencionar a Escola de Indústria Hoteleira, fundada pelo Sindicato Geral de Indústria Hoteleira e grandes hotéis de Paris. O ensino consta de duas partes: teórico e prático. O ensino teórico compreende as línguas inglesa e alemã, contabilidade, geografia de hotéis e de turismo; noções de electricidade, de higiene, etc.

Em Aix e Thonon-les-Bains também há escolas hoteleiras.

Nesta última localidade está estabelecida a Escola Prática da Indústria Hoteleira, dependendo directamente do Ministério do Comércio e Indústria. O ensino está dividido em três anos e consta das línguas francesa, alemã, inglesa e italiana; física e química aplicada à indústria hoteleira; elementos de higiene, de moral e de víveres; história; geografia e turismo; aritmética e contabilidade; caligrafia, dactilografia e policópia; lições de prática hoteleira. Durante as férias que coincidem com a época em que Thonon-les-Bains e Evian são frequentados, os alunos aprendem praticamente, frequentando os vários e importantes hotéis estabelecidos nessas afamadas estâncias.

Na Alemanha, mencionaremos a Escola de *Buchholz*, cujo programa não conhecemos. Esta escola é subsidiada pela Sociedade Internacional de Hoteleiros.

Finalmente na escola de Itália, como dissemos, de criação recente, o ensino é dividido em duas partes: a) parte geral abrangendo a língua italiana, língua francesa; noções de aritmética; elementos de direito civil e comercial; caligrafia e dactilografia. b) parte especial consistindo no ensino de correspondência profissional; contabilidade hoteleira; víveres; noções de serviço, de apresentação e porte, de moral e higiene; composição de *menus* e geografia turística.

Todas estas escolas tem prestado óptimos serviços, criando esse admirável pessoal hoteleiro que tam grandes e relevantes serviços tem prestado à indústria do turismo desses países.

Nós não possuímos escolas destinadas a criar pessoal hoteleiro. A benemérita Sociedade de Propaganda de Portugal, há anos já, iniciou na Casa Pia de Lisboa um curso para empregados de hotel. Infelizmente esta louvável iniciativa não foi coroada do êxito que merecia e teve de ser posta de parte decorrido algum tempo.

No consciencioso e inteligente relatório do Sr. António Arroio sobre o *ensino elementar industrial e comercial* contêm-se frequentes referências aos cursos profissionais dos empregados de hotéis, propondo, por fim, o ilustre professor, à comissão de reforma do referido ensino, a fim de desenvolver a indústria do turismo, o estudo de «a melhor forma de educar o hospedeiro ou hote-



leiro, o cozinheiro do hotel, o criado do hotel e restaurante e a *criada do hotel*».

O Sr. António Arroio preconiza, com esse fim, além do curso de *chauffeur* e de *canalizador*, o curso de hoteleiro ou hospedeiro, o curso de cozinheiros, o curso de criados de hotel e o curso de criadas do hotel. É de opinião o Sr. Arroio que os três primeiros cursos da indústria hoteleira devem ser professados numa só escola que os compreenda e relacione entre si, afigurando-se-lhe que se devem estabelecer primeiramente em Lisboa.

Não diz o Sr. Arroio em que condições esses cursos deverão funcionar, o que, evidentemente, seria determinado pela comissão de reforma à qual o Sr. António Arroio submetia o seu valioso trabalho.

Esta comissão, se porventura chegou a ser criada e se a alguns resultados chegou sobre os cursos a que nos acabavamos de referir não tomou resolução alguma.

Concordamos absolutamente com a opinião do Sr. António Arroio. É necessário criar estes cursos. ¿ Como, porém? Cursos desta natureza importam o estabelecimento duma sede, a nomeação de professores, despesas de material e expediente.

Se estivéssemos num país com uma situação económica desafogada e não tivéssemos que nos preocupar com a questão de dinheiro, o problema seria fácil de resolver. Aplicávamos o sistema das escolas estrangeiras que melhor se adaptam com as condições do país, correndo as despesas de tal escola por conta do Estado. Sobre-carregado como está o tesouro público, não nos parece assizado que lhe atribuamos totalmente a despesa proveniente do estabelecimento da escola destinada a educar pessoal hoteleiro, por mais necessário que se torne a criação desta escola.

Parece-nos, por conseguinte, que o Estado deveria concorrer apenas com a oferta duma sede, e com o respectivo material escolar e uma verba para água e iluminação. Ficamos, nessas condições, com as seguintes despesas apenas: ordenados de director e professores, perfeitos e contínuos.

Vejamos, aproximadamente, a quanto poderá montar essa despesa. Para isso, precisamos, primeiramente, estabelecer as bases dos vencimentos.

O curso de *Hoteleiros*, propriamente dito (gerentes, empregados de escritório), deverá consistir, quanto a nós, no ensino de línguas: portuguesa, francesa e inglesa, pelo menos; noções de aritmética, de direito comercial e contabilidade, caligrafia, dactilografia, correspondência comercial, geografia turística, mercadorias e víveres; finalmente, prelecções sobre a maneira de o empregado se comportar, sobre moral, higiene e composições de *menus*.

O curso de criados e criadas de hotel consistiria no ensino de línguas: portuguesa, francesa e inglesa, pelo menos; arte de servir à mesa e de a dispor e enfeitar. Composição de *menus*. Arranjo de quartos. Noções de boa apresentação e conduta para com os hóspedes.

Adiante nos referiremos ao curso dos cozinheiros.

Temos, por conseguinte, de princípio:

- Um director;
- Um professor de francês;
- Um professor de inglês;
- Um professor de aritmética, contabilidade e de direito comercial;
- Um professor de caligrafia e dactilografia;
- Um professor de mercadorias e víveres;
- Um professor de geografia turística. O mesmo professor poderá ensinar a boa apresentação e conduta, moral e higiene e ainda a composição de *menus*.
- Um amanuense;
- Dois perfeitos;
- Dois contínuos;
- Dois serventes;



Um porteiro.

Os lugares de director e professores deverão ser confiados a professores do Estado, de forma que perceberão apenas uma gratificação.

Supondo: ao director 400\$ e 300\$ a cada um dos professores, temos:

Um director, 400\$;

Oito professores, 2.880\$.

A esta importância temos de acrescentar os ordenados dos prefeito, amanuenses, contínuos, serventes e porteiros, que supondo que fôsem assim estabelecidos:

Amanuense, 360\$;

Prefeitos, 500\$;

Contínuos, 420\$;

Serventes, 300\$;

Porteiro, 300\$;

semam, no total, 3.100\$.

Ao todo, compreendidas todas as despesas, 6.380\$.

Falta ainda o curso de cozinheiro. Este curso, para que não resulte perfeitamente inútil, só pode ser professado num hotel de primeira ordem. Compreendemos que se possa, durante um certo tempo, seguir um curso teórico. Mas, decorrido êle, aprendidas certas noções preliminares, a aprendizagem prática torna-se absolutamente necessária.

E essa aprendizagem, repetimos, só pode ter lugar num grande hotel. Parece-nos, por conseguinte, que, tendo em vista o ensino de cozinheiros, se procure conseguir dos nossos principais hotéis permissão para frequentarem as suas cozinhas, mediante ou não remuneração, um determinado número de indivíduos que já tivessem aprendido a parte teórica de cozinha.

Esta remuneração, a ter lugar, seria completamente satisfeita pelos alunos.

Temos, por conseguinte, que nos preocupar apenas com os 6.380\$, mais escudo, menos escudo.

Como realizar esta importância?

Não é problema que deva ser resolvido por êste Congresso, mas não queremos deixar de oferecer alguns alvitre. Para se ocorrer às despesas duma escola de pessoal hoteleiro, que reputamos absolutamente indispensável, lembra-nos que certamente ofereceriam subsídios, além do Estado, com o edificio, material e expediente, o Conselho do Turismo, a Sociedade de Propaganda de Portugal, as Associações Comerciais de Lisboa e Pôrto, as Associações de Classe dos Proprietários dos Hotéis e Restaurantes e quaisquer outras colectividades interessadas no desenvolvimento do turismo.

Outra receita, além dêstes subsídios, seria constituída pelas mensalidades dos alunos, pela emissão de certificados, etc.

Os cursos, criados êles, deveriam constituir títulos de admissão a qualquer lugar, da respectiva classe, em hotéis e restaurantes. Só os indivíduos munidos com os certificados seriam admitidos, a não ser nos casos de os não haver, ou de estarem naturalmente excluídos por motivos de furto, roubo, abuso de confiança, ou qualquer outros de natureza a impedir-lhes o uso da profissão.

Num hotel e num restaurante há dezenas, e, muitas vezes, centenas, de indivíduos empregados: *chasseurs*, porteiros, corretores, moços de cozinha, ajudantes de cozinha, cozinheiros-chefes, criados e criadas de mesa e quarto, *maitre-de-hotel*, empregados de escritório e gerentes.

Todos estes indivíduos são necessários à vida dum hotel. Se formos verificar, dentro dos nossos hotéis e restaurantes, a naturalidade desta gente, reconheceremos, com estranheza, que a sua grande maioria é constituída por indivíduos de nacionalidade estrangeira, sobretudo por espanhóis.

Não conseguimos, infelizmente, obter números para



confirmar esta nossa asserção, mas aqueles que terão seguido este trabalho, mais ou menos familiarizados com assuntos hoteleiros, sabem perfeitamente que não exageramos.

A nossa indústria hoteleira e de restaurantes, que oferece guarida para milhares de braços, é desaproveitada, em geral, pela nossa gente, que nela encontraria numerosos empregos, alguns deles com belas remunerações.

Porque o não faz? Não é, evidentemente, porque lhe seja antipática a profissão, e a prova disso é que muitos dos nossos emigrantes que vão para o Brasil desempenham aí lugares de serviçais em hotéis e restaurantes. A razão da diminuta percentagem de portugueses, em relação a estrangeiros, deve-se ir procurar nas preferências dos patrões e dos gerentes por estes últimos, e pela protecção, amparo e bom acolhimento que eles encontram nos seus compatriotas já aqui empregados.

Não nos parece que isso seja razoável. Sem querer-mos cair nos exageros de Monroe, quando solenemente declarou a América só para os Americanos, entendemos que, em face da crise de trabalho e da crescente emigração portuguesa, os lugares nos hotéis e nos restaurantes, *sem prejuizo*, é claro, dos indivíduos actualmente empregados, devem ser reservados para nacionais.

Nestas condições, temos a honra de submeter a V. Ex.^{as} as seguintes conclusões:

a) Tendo em vista o progresso da indústria hoteleira, de que depende, em grande parte, o desenvolvimento da indústria do turismo, é indispensável estabelecer-se entre nós uma escola destinada a educar o pessoal de hotéis e restaurantes;

b) Criada uma escola nestas condições, só devem ser admitidos aos lugares vagos nos nossos principais hotéis e restaurantes, qualquer que seja a sua categoria, os indivíduos diplomados por esta escola;

c) Os cidadãos portugueses devem ser preferidos, nos lugares de hotéis e restaurantes, aos cidadãos estrangeiros.

José d'Ataide.



A ESCOLA PROFISSIONAL

DE EMPREGADOS DE HOTÉIS

* * Tese apresentada
ao 1.º Congresso Hote-
leiro pela Sociedade de
Propaganda de Portugal



LISBOA * IMPRENSA NACIONAL * 1916

TURISMO DE
PORTUGAL



A Comissão de hotéis da Sociedade Propaganda de Portugal, desempenhando-se da missão, de que foi incumbida pela Direcção da Sociedade, de relatar uma tese para o próximo Congresso Hoteleiro, organizado pelo Conselho de Turismo, escolheu para assunto do seu trabalho.

A escola profissional de empregados de hotéis

É evidente que a primeira de todas as necessidades para o desenvolvimento do turismo consiste em bons caminhos de ferro, boas linhas de navegação, boas estradas e uma propaganda inteligentemente feita para atrair o estrangeiro. Mas, por excelentes que sejam os caminhos de ferro, por cómodas que sejam as linhas de navegação, por pitorescas e bem conservadas que sejam as estradas, nada se terá conseguido se, a par d'esses caminhos de ferro, dessas linhas de navegação e dessas estradas, não houver bons hotéis, onde o turista seja agasalhado confortavelmente e onde possa repou-sar das fadigas da viagem, fruindo as belezas naturais, o clima agradável e os demais atractivos do sítio que houver escolhido para a sua vilegiatura.

Todos, neste ponto, estão concordes, e à falta de hotéis, que preencham completamente as condições exigidas para um hotel moderno, se pode atribuir o pequeno desenvolvimento obtido, até hoje, pelo turismo no nosso país, a despeito dos perseverantes esforços da Sociedade Propaganda de Portugal e do Conselho de Turismo.

Sendo assim, bem se compreende que a Propaganda de Portugal tivesse tomado, em 1908, a iniciativa, hoje repetida pelo Conselho de Turismo, de reunir, em um Congresso, todas as pessoas que, no nosso país, estão, pelos seus interesses, ligadas à indústria dos hotéis.

O nosso apêlo não conseguiu, então, fixar a atenção dos hoteleiros nacionais, pois que à nossa circular, expondo os fins do Congresso e marcando o prazo para a inscrição, apenas responderam vinte oito dos trezentos e três hoteleiros a quem fôra dirigida.

No intuito de facilitar a vinda dos congressistas a Lisboa, obtivemos que as companhias de caminhos de ferro fizessem importantes reduções, que iam até 75 por cento nos caminhos de ferro do Estado e que os proprietários dos hotéis de Lisboa fizessem preços muito reduzidos aos seus colegas congressistas, tendo mesmo o Hotel Central tido a amável condescendência de lhes conceder 50 por cento de desconto.

Para amenizar os trabalhos do Congresso, algumas festas seriam organizadas em honra dos congressistas e uma conferência, pelo ilustre escritor Sr. Jaime Batalha Reis, os iniciaria nos progressos realizados últimamente na sua difícil indústria.

Nem a perspectiva das diversões, nem as viagens económicas, nem o próprio interesse, pois mais ao hoteleiro do que a ninguém aproveitaria o Congresso, nada resolveu a maioria dos hoteleiros portugueses a sair da sua velha rotina, convencidos de que bastam o céu azul e os campos sempre em festa da nossa linda terra para que o turista estrangeiro aqui venha e aqui volte.



Esperamos que o Conselho de Turismo, mais feliz do que nós, conseguirá aquilo que, a despeito dos nossos esforços, nós não conseguimos, e, se assim fôr, seremos nós os primeiros a nos felicitar por mais êste grande progresso em matéria de turismo nacional.

*

É a falta de hotéis confortáveis e bem servidos o maior obstáculo ao desenvolvimento do turismo. Assim o compreenderam todos os que pretenderam desenvolver esta lucrativa indústria em qualquer país do mundo. Ora, para se conseguir êsse resultado, não basta escolher sítio pitoresco e saudável, construir casa apropriada e mobilá-la mais ou menos luxuosamente; isto é, apenas, o lado material e, por assim dizer, exterior do problema. O conforto e bem estar do hóspede não se proporciona, só, com boas casas, magníficas mobílias, paisagem pitoresca e clima aprazível; tudo isso é indispensável e, sem êsses factores, seria impossível atrair, reter e fazer voltar o turista, mas tudo isso reúnido, e muito mais, não conseguiria o resultado procurado sem um serviço modelar.

O viajante, acostumado a viver bem no seu país, não suporta o incomôdo em vilegiatura no estrangeiro. Torna-se, pois, da maior importância assegurar ao turista o bem estar e o bom serviço, se quisermos que êle leve de nós boa impressão, induzindo mais tarde outros a seguirem-lhe o exemplo.

Parece à primeira vista que isto seja fácil; entretanto, muito pelo contrário, é, em Portugal, um dos problemas mais difíceis da indústria hoteleira. Não faltam, com efeito, architectos nacionais e estrangeiros, aos quais se possam encomendar os planos de bons hotéis e há casas várias de primeira ordem, mesmo no país, que os podem mobilar custosamente; mas, conseguido isso, o que será difficilimo é assegurar o bom serviço do hotel.

Para isso é indispensável, com efeito, o pessoal competente, desde o director até o mais modesto dos criados.

Sem um pessoal de homens e de mulheres conhecedores das suas obrigações técnicas e competentemente adextrados no serviço do hotel, nada se pode conseguir, nada se deve esperar em matéria de turismo.

Mas como obter êsse pessoal? Sabido é que êle não existe entre nós. O nosso pessoal de hotéis não conhece em geral, o seu officio; não lhe sabe a parte técnica e é falho da precisa educação para lidar com viajantes de tratamento, sobretudo estrangeiros, naturalmente alheios aos nossos usos e costumes.

Seria uma utopia querer mandar vir pessoal de fora, pois a falta de conhecimento da nossa língua constituiria, já de per si, uma grande difficuldade e o pessoal estrangeiro competente não viria para o nosso país, senão ganhando mais do que no seu; claro está que isso tornaria muito onerosa a exploração do hotel.

É, portanto, necessário recorrer ao pessoal nacional e isto implica, desde logo, a urgência de educá-lo em escolas especiais.

A idea de criar escolas de empregados de hotéis é uma novidade, apenas para aqueles que ignoram o que se pratica em toda a parte, onde a indústria hoteleira deixou de ser uma cousa imprecisa, para que todos se julgam habilitados, sem preparo algum, de qualquer natureza que seja. No estrangeiro, porém, existem, há já muitos anos, numerosas escolas profissionais, mantidas todas não pelo Estado, ainda que subsidiadas por êle ou pelas câmaras municipais, mas pelos próprios interessados, o que é a melhor prova da sua utilidade e valor práctico.

E assim que existem, entre outras, a escola profissional da Sociedade de Hoteleiros, em Lausanne, e a es-



cola instalada pelo Sindicato Geral da Indústria Hoteleira e dos Grandes Hotéis de Paris, para não citar senão duas das mais notáveis dessas instituições.

O plano e o programa destas escolas variam, necessariamente, de país para país, para corresponderem às necessidades especiais que a prática e a experiência indicam.

Não cabe entrar, aqui, nos pormenores dessas organizações, nem discutir o que delas se podia utilizar para o nosso país e aquilo que se deveria suprimir por inútil ou inaplicável.

Claro é que o estado de atraso, em que esse ensino e, de uma maneira geral, a educação pública se acha, obrigariam a incluir no programa duma escola profissional de hoteleiros fundada em Portugal, matérias que não aparecem nos programas de idênticas escolas estrangeiras, por desnecessárias; assim como seria preciso deixar de lado outras que, por demasiado técnicas, exigiriam, para a sua compreensão, alunos mais preparados de que é lícito esperar que sejam os que se inscreverem entre nós, numa escola deste género.

A Propaganda de Portugal teve também a sua escola profissional para empregados de hotéis, na Casa Pia de Lisboa, que funcionou regularmente durante um ano, tendo saído dela alguns alunos, que se acham empregados hoje em hotéis de Lisboa; porém, com a mudança de regime, o Governo Provisório, parece que por medida de economia, mandou fechar a escola hoteleira, em que nós tínhamos pôsto o melhor da nossa boa vontade e em que fundávamos as nossas mais entusiásticas esperanças¹.

Não desanimando, nem abandonando a nossa idea, e parecendo-nos urgente a criação em Portugal de escolas, que preparem o pessoal indispensável aos hotéis, resolvemos reabrir a nossa escola hoteleira na sede da Sociedade, para o que já estão elaborados o plano e o programa de estudos.

Convencida da utilidade destas escolas, que poderão reformar os serviços dos nossos hotéis e modificar favoravelmente as condições do turismo nacional, a Sociedade Propaganda de Portugal tem a honra de submeter à apreciação deste Congresso estas considerações, julgando-se muito penhorada com o convite que lhe foi feito pelo Conselho de Turismo e muito orgulhosa se puder trazer eficazmente o seu modesto esforço no sentido de reformar o hotel entre nós e de evitar que se repita o que dizia, ultimamente, uma revista automobilista estrangeira em que, depois de elogiar as belezas naturais do nosso país, acabava por aconselhar aos seus leitores que não deixassem de visitar Portugal, se não tinham «horror aos hotéis mal servidos e às camas muito duras».

Manuel Emygdio da Silva.
A. Vasconcellos Correia.
Alfredo da Cunha.
Pedro de Oliveira Pires.
J. A. Ferreira Madail.
Luis José Fernandes, relator.

¹ O subsídio concedido pelo Governo para esta escola era de 200\$ anuais.



HOTEL-CASINO

* Tese e proposta apresentada
ao 1.º Congresso Hoteleiro pela
Sociedade de Defesa e Propa-
ganda de Coimbra * * *



LISBOA * IMPRENSA NACIONAL * 1916

TURISMO DE
PORTUGAL



Convidou-me a direcção da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra, recentemente eleita, a consultar todas as entidades regulamentarmente indicadas, e todas as demais que entendesse consultar, a pronunciam-se por meio duma tese e proposta sobre a melhor maneira de se realizar em Coimbra a construção dum hotel-casino; e para mim um convite desta Sociedade é uma ordem pela muita consideração que lhe dedico.

Não se pronunciaram, porém, essas entidades no curto prazo indicado, imposto pela escassez de tempo; pelo que novamente me foi cometido esse trabalho, acatando também, mais uma vez, essa indicação por disciplina.

Francisco de Penalva Rocha

Director-secretário da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra.

Memória justificativa e proposta para a criação dum hotel-casino em Coimbra

Merecem os congressos hoteleiros a atenção de todos pela sua enorme importância no progresso do turismo.

Assim a Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra não podia ficar indiferente ao convite de concorrer a este congresso confiada que alguma coisa de utilidade há-de vir para esta cidade e sua região.

Não basta a Coimbra ser recomendada pelas suas condições climatéricas, topográficas e artísticas; é preciso também fornecer bons alojamentos a todos os que sentem necessidade de a conhecer.

Longe, porém, de nós a intenção de descrever a deficiência dos hotéis e de fazer realçar a enorme importância da construção dum grande hotel moderno, traçado com elegância, mobilado com bom gosto, e que ofereça ao turista o conforto digno dele e de nós; mas sim apenas mostrar a traços largos as enormes vantagens para uma empresa que se destine a construir em Coimbra um hotel moderno.

Há em Coimbra locais magníficos para a construção dum edificio com todas as condições de conforto e estética, ficando completamente isolado por todos os lados e alguns mesmo já com parques e campos de jogos.

Esse edificio deve impor-se pela sua grandeza e suntuosidade, tendo anexo um casino e um campo de jogos desportivos, representando assim um papel de maior importância na indústria do turismo.

Será mais um motivo de atracção e ao mesmo tempo servirá para reter o viajante que cultiva esses jogos que para muitos estão acima de tudo.

A empresa proprietária do hotel-casino de Coimbra colherá certamente logo de princípio receitas remuneradoras, porque este melhoramento vem preencher uma lacuna e dar a esta lindíssima cidade e encantadora região um aspecto novo.

Por todos os títulos os resultados serão positivos.

O hotel-casino teria e traria uma situação desafogada a todos, mantendo com aplauso geral e para gaudío público as suas belas salas de recreio e os famosos campos de jogos desportivos.

TURISMO DE
PORTUGAL



Assim obteria receitas próprias organizando à semelhança da «Associacion de fondistas y similares» festas populares, concursos e exposições.

De acôrdo com a Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra se propagaria e fomentaria o turismo, publicando guias gerais indicando as valiosíssimas riquezas artísticas, os grandes monumentos e os muitos pontos interessantes da sua região, atraíndo assim e mesmo levando a demorar-se a clientela nacional que indiscutivelmente existe e a estrangeira que tem manifestas tendências para aumentar.

Coimbra não ficará indiferente a êsse grandioso melhoramento e o seu hotel-casino será em breve um dos mais importantes devido ao seu considerável desenvolvimento e concorrência.

Coimbra é realmente o centro duma região privilegiada pela doçura do seu clima, variedade de paisagem, sociabilidade dos seus habitantes, gloriosa e conhecida tradição, imponência dos seus monumentos, verdadeiras jóias de arte, e pelo seu alto desenvolvimento intelectual.

Visitar-nos é uma necessidade imperiosa, é uma distinção, é um verdadeiro dever que acompanha as pessoas de gôsto delicado e refinada cultura.

Não é somente distinção, é também uma utilidade.

Todo o que vier a Coimbra terá aqui um amplo campo para o desenvolvimento da sua inteligência, abrindo-se lhe novos horisontes, completando-se lhe os conhecimentos adquiridos, aperfeigoando-se nas verdadeiras maneiras de dizer; enfim, o seu valor pessoal aumentará, aumentando as suas aptidões.

Assim desejamos, por estas razões de valor, embora expostas sem brilho, apresentar a seguinte proposta:

Considerando que no quarto congresso internacional de turismo, celebrado em Lisboa, foi proposto e aprovado o melhoramento de hotéis de Portugal;

Considerando que já se encontra em vigor a lei do Ministro Almeida e Lima, destinada a favorecer a construção de hotéis modernos;

Considerando que são dignas de ser ponderadas as afirmações da Repartição de Turismo, tam inteligentemente dirigida pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. José de Ataíde, que com invulgar solicitude se tem dedicado a êste assunto;

Propomos que o congresso emita os votos seguintes:

1.º Que dada a necessidade de grandes capitais, se forme uma empresa construtora de hotéis modernos, devendo sair dêste congresso;

2.º Que a Sociedade de Propaganda de Portugal se esforce para que essa empresa se estabeleça sem demora e dê principio aos seus trabalhos em Coimbra.

Francisco de Penãlva Rocha

Director-secretário da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra.



PEQUENOS HOTÉIS

* * * Tese apresentada

ao 1.º Congresso Hoteleiro

por GUERRA MAIO

Redactor principal da «Revista de Turismo»



~~~~~  
LISBOA \* IMPRENSA NACIONAL \* 1917

TURISMO DE  
**PORTUGAL**



## Pequenos hotéis

Há entre nós, infelizmente, uma larga tendência para a grandiosidade. A nossa maior preocupação é querer imitar o que de importante existe lá fora, ninguém dando o menor interesse às pequenas cousas, sem pensar que é de pequenos factores que se faz o grande progresso.

Se a par dos grandes hotéis, como seja o do Estoril em construção, o que representa um extraordinário rasgo de audácia, e o Vidago-Palace-Hotel, outra iniciativa também arrojada, não tivermos pequenos hotéis, pensões e até mesmo modestos restaurantes junto de pequenas localidades, não se poderá falar de turismo na nossa terra.

Os hotéis de luxo são o grande reclamo para turistas que exigem um conforto superior, mas como estes necessitam de viajar pelo país à procura de paisagens e monumentos, precisam encontrar nas pequenas localidades, onde vão jantar ou dormir, uns hotéis, modestos é claro, mas em que o asseio não brilhe pela ausência.

Em regra, esse viajante de luxo, fora dos grandes hotéis, satisfaz-se, quer seja num local de entroncamento de caminhos de ferro, ou em pequenas localidades de turismo, com uma cama macia, num quarto confortável, rigorosamente asseado.

É, pois, preciso que os pequenos hotéis já existentes junto dos caminhos de ferro, e outros que venham a construir-se, sejam dotados das comodidades necessárias para que o viajante se não enfade e não faça uma má propaganda de tudo o que viu e de tudo o que encontrou.

Pode a paisagem ser linda, pode o castelo que vai visitar ter em cada pedra uma página da história, que o mau estar do turista, proveniente do péssimo alojamento, jámais desaparecerá.

Temos uma infinidade de águas termais em exploração, qualquer delas com óptimas condições terapêuticas, e situadas em locais aprazíveis, que muito se recomendam ao viajante. Mas afora meia dúzia de maior concorrência, as outras não tem um hotel que se possa recomendar.

É fora de dúvida que as pequenas termas espalhadas por esse país, nunca poderão ombrear com o Vidago, com o Gerez, com Entre-os-Rios, e com outras de igual renome, mas nem por isso deixam de ter direito a uma razoável concorrência de viajantes, uns movidos pela curiosidade e outros pelos mil e um motivos que obrigam a passagem por lá.

Há cidades e vilas de pequena importância, mas que tem um castelo, um ponto de vista, um monumento, que convida o viajante a ir até lá ver e admirar, e ainda outras terras sem nenhum desses atractivos, mas que são situadas em lugares obrigatórios de passagem, e que se tiverem uns hotéis razoáveis terão aí, sem favor, um dos seus melhores factores de progresso.

Eu não vou exigir que se construam de novo, nessas localidades, hotéis nem restaurantes, porque receio que os organizadores duma empresa que se abalançasse a semear hotéis por esse país fora gastassem uma independência em papel e formalidades e nada conseguissem.



Bastará que os hoteleiros, já estabelecidos, melhorem as suas instalações e a sua mesa. Alguns conheço eu, que empregaram tam boa vontade em transformar os seus hotéis, que os tornaram capazes de receber uma clientela exigente.

Dêles citarei o Hotel Valenciano, em frente à estação de Valença do Minho, que pode ser tomado como modelo para os pequenos hotéis do nosso país, se bem que haja outros em iguais circunstâncias.

Parece-me, pois, a melhor forma de transformar e construir os hotéis e restaurantes em questão:

### Hotéis de entroncamentos

Estes hotéis devem ter quartos estucados, sem relevos nas paredes nem no teto, vidraças de abrir para os lados (sendo as janelas baixas, não devem ter bandeiras). Portas e alizares lacados de branco. Camas de ferro pintado de branco, colchão de arame ou de palha de milho, mas muito macias. Almofadas, duas em cada cama, sendo para uma pessoa, e quatro para duas, todas rigorosamente de sumaúma.

As janelas não devem ter cortinas de qualidade alguma, apenas estores e estes laváveis. O resto do mobiliário do quarto deve ser leve e as cadeiras sem estôfo. O hotel deve ter mais uma pequena sala de leitura, casa de banho e *retrete* com autoclismo.

A sala de jantar não deve deitar para pátios ou edificios de mau aspecto; sendo impossível retirá-la destes sítios, devem as janelas ter vitrais ou vidros foscos para livrar os hóspedes duma vista desagradável.

As vidraças devem ter bandeiras de abrir para arejar a sala.

Nas paredes da sala de jantar e nos quartos não deve haver quadros nem cartões com vistas de qualquer espécie.

### Hotéis termais

Se aqueles hotéis representam um grande papel na comodidade exigida pelos viajantes, e no desenvolvimento do turismo, dando aos seus exploradores uma larga remuneração, estes também tem parte importante no mesmo factor de progresso; por isso os seus proprietários devem empregar todo o cuidado na transformação, para que a clientela se multiplique e as termas se desenvolvam, que nelas está uma das mais fortes receitas do país.

Os hotéis das termas de pequena importância, devem ser construídos próximo do edificio balnear, em sítio aprazível e com bons horizontes mas fora da vizinhança de tabernas e outros estabelecimentos de mau aspecto.

Os quartos devem ter todas janelas amplas, deitando para fora, estuque branco sem relevos, etc., como ficou dito para os hotéis de entroncamentos.

A sala de jantar, deve deitar para o jardim, e na falta deste para os campos, nunca para pátios, ou para a estrada; as paredes devem ser pintadas duma cor clara, e não devem ter quadros, nem mesmo vistas, pintadas nas paredes, pois que não sendo de autor afamado o efeito é sempre detestável.

Apesar de estar o hotel numa estância balnear deve ter casa de banho, para que os hóspedes, não podendo por qualquer motivo ir ao balneário, não sejam privados do seu banho.

Pela mesma forma, havendo casino nas termas, o hotel deve ter uma pequena sala para reunião das senhoras.

Isto, é claro, é para os hotéis a construir, nos já cons-



truídos deve-se observar os mesmos preceitos, para a sua transformação, tornando-os de maneira que os hóspedes não tenham saúdaes das suas casas.

Nos corredores não se deve conservar malas, nem qualquer outro objecto que dificulte a passagem.

### Hotéis-restaurantes

São estes também de grande utilidade para os turistas que vão a uma terra visitar monumentos, que ali passam de automóvel, ou que por qualquer circunstância são obrigados a tomar refeições.

Nestes hotéis-restaurantes deve-se observar com principal cuidado o serviço de mesa e de refeições ligeiras, sendo em locais duma concorrência muito irregular devem ter de preferência, alimentos de maior conservação, como seja: fiambres, salames, conservas, doces de compota, bolos secos, vinhos engarrafados de várias procedências, etc.

Quanto a instalação deve ser observado o mesmo preceito dos hotéis já referidos, e além dos quartos, devem ter um *toilette* para homens e outro para senhoras, onde haja vários objectos para asseio dos viajantes. Isto é preferível ao quarto de dormir que é em regra oferecido ao hóspede para se escovar e lavar, e onde há apenas um espelho e um regador vazio.

### Cantinas

Também não deixa de ser útil ao viajante, e remunerador ao seu proprietário, em locais de pequena concorrência as cantinas para venda de doces e onde se pode tomar chá, café, leite, refrescos, gasosas, etc.

É certo que tudo isto se encontra por esse país fora, mas em casas de mau aspecto e de concorrência um tanto duvidosa.

Nestes pequenos *bars* deve ser observado com todo o rigor os preceitos de hygiene.

É também indispensável, que tenham um pequeno *toilette* para que os passageiros possam lavar-se e as senhoras descansar.

### Criados

É este um ponto essencial para o bom êxito da exploração dum hotel.

Não se pode exigir criados educados em escola própria, como lá fora, por não as termos, mas é preciso que quem actualmente desempenha esse lugar, se corrija dalguns defeitos que, quando outra cousa não façam de pior, dispõem mal o hóspede.

Em regra o nosso criado, e nomeadamente o oriundo da Galiza, só trata com o hóspede com um sorriso fingido nos lábios, a que dá mais atenção que ao que o freguês lhe recomenda.

Essa *bajolice* dá sempre para o hóspede um efeito contrário.

Para mim prefiro mil vezes a forma digna e altiva com que um soldado fala ao seu superior ao servilismo do criado do hotel.

Outra cousa que exaspera o hóspede é a negregada casaca, que o criado veste, em regra cheia de nódoas e lhe fica curta nas mangas, que se torna muitas vezes dum efeito repelente.

É preferível nestes pequenos hotéis, um fato preto, ou no verão a jaleca branca, à hedionda casaca.

O criado do hotel deve usar da maior atenção, e dili-



gência para com o hóspede, e deve sobretudo manter uma linha de dignidade nos seus actos.

Julgo já ter dito muito para a melhoria dos pequenos hotéis, e oxalá, as minhas palavras fôsem ouvidas, com o que certamente muito teriam a lucrar os hoteleiros, o turismo nacional, a mais pujante fonte de receita para a economia abalada da nossa terra.

São pois as conclusões que se seguem que eu tenho a honra de apresentar:

1.<sup>a</sup> Em cada ponto de entroncamento de caminhos de ferro, ou povoação de cruzamento de estradas importantes, deve haver um pequeno hotel confortável e higiénico.

2.<sup>a</sup> Nas termas, além dos grandes hotéis já existentes, deve haver outros modestos como os da conclusão 1.<sup>a</sup>

3.<sup>a</sup> Convém que em pontos de simples paragem os hotéis tenham um pequeno restaurante, *toilette*, ou uma pequena cantina, onde haja serviço de chá, lanches, doces e refrescos, etc.

4.<sup>a</sup> Os criados devem ser educados para servir com esmero e correcção, preferindo o fato preto, ou no verão a jaleca branca, às casacas que lhes dão a aparência de *gatos pingados*.

*Guerra Maio.*



# TESES E PROPOSTAS

APRESENTADAS AO

## 1.º CONGRESSO HOTELEIRO

por JOSÉ D'ATAYDE,  
Director da Repartição  
do Turismo e Secretário  
do Conselho do Turismo

- I.— Repressão da mendicidade.
- II.— Propaganda turística.
- III.— Necessidade de restringir as concessões de águas mínero-medicinais.
- IV.— Indumentária.



---

Lisboa—Imprensa Nacional—1917

TURISMO DE  
PORTUGAL



## Breves palavras

Pareceu-nos de grande conveniência que o Congresso Hoteleiro se pronunciasse sobre os assuntos que constituem objecto das teses e propostas que em seguida submetemos à sua apreciação. Não foi nossa intenção apresentar um trabalho completo e perfeito sobre os vários temas constantes dessas propostas e teses. Não só para isso nos não sobejava o tempo como nos faltava a competência. Foi nosso objectivo apenas oferecer alguns assentos de reconhecida importância para o turismo à apreciação do Congresso, tratados de forma a servirem para um princípio de discussão, contando antecipadamente com a competência, experiência e saber dos ilustres congressistas que, por esta forma chamados a emitir opinião, claramente dissessem sobre eles o que pensavam, quais os seus erros, quais os pontos que não devessero ser aprovados, finalmente, no caso de alguns merecerem o seu aplauso, quais aqueles a que o Congresso deveria dar o seu voto para que junto das entidades competentes se promovesse a sua efectivação.

Todas estas teses e propostas foram tratadas a *la lé-gere*, não sendo nosso intuito, repetimos, senão proporcionar ao Congresso Hoteleiro alguns *sujets* sobre os quais há manifestas vantagens em que ele se pronuncie.—*José d'Athayde.*

### I.—Repressão da mendicidade

A todas as nossas estações de turismo affuem, na época em que funcionam, legiões mais ou menos consideráveis de mendigos vindos de todos os pontos do país e que nelas acampam com o fim de assaltar os seus frequentadores com incómodas e impertinentes solicitações. Não há nada que mais aflija o *surmenagé* ou o curista que aproveita umas férias para se retemperar dos estragos produzidos por uma intensa vida de trabalho ou por uma activa vida cidadina, do que o mendigo, exibindo o aleijão e descobrindo as chagas, pedinchando lamurientemente uma esmola.

O mendigo, seja onde fôr, é sempre um atestado de atraso e de pouca civilização: nas praias e termas a sua presença constitui um espectáculo degradante que é necessário que acabe.

Tem a Repartição de Turismo envidado o melhor dos seus esforços nesse sentido, não tendo logrado até hoje, infelizmente, mercê de várias circunstâncias que não são certamente desconhecidas dos ilustres congressistas, ver coroada de êxito a sua persistente actividade. É necessário que este Congresso se pronuncie sobre este assunto e que declare se são ou não suficientes as medidas adoptadas pela Repartição e que, no caso de não serem, se manifeste indicando aquelas que devam ser postas em vigor.

As medidas julgadas necessárias por uma comissão que junto da Repartição de Turismo estudou o assunto são as seguintes:

a) Proceder-se ao recenseamento dos mendigos. Este recenseamento deverá ser feito pelas autoridades administrativas;



b) Atribuir residência fixa aos mendigos não se lhes consentindo, pelo menos nos meses que decorram de Maio a Outubro, que saiam fora do concelho a que pertençam;

c) Darem-se ordens expressas e terminantes à guarda republicana para impedir que os mendigos passem do concelho para concelho, como costumam fazer, sobretudo quando se aproxima a época balnear e termal;

d) Prisão e remessa imediata dos mendigos para as terras das suas naturalidades quando encontrados fora delas ou dos lugares onde lhes tenha sido fixada residência;

e) Notificação feita, pelas autoridades, aos mendigos de que lhes é absolutamente proibido mendigar;

f) Conhecimento dado pela Repartição do Turismo a todos os hotéis, casinos, clubs das praias e estâncias termais, destas resoluções, solicitando-lhes a sua cooperação;

g) Pedido feito pela Repartição do Turismo às instituições mencionadas na alínea f) para a terem informada do que se passar em matéria de mendicidade, de forma a que possam ser adoptadas providências;

h) Afixação de quadros à entrada de todos os hotéis, casinos, clubs, etc., expondo as providências adoptadas e pedindo aos seus frequentadores que entreguem quaisquer donativos aos donos desses estabelecimentos para eles fazerem a sua distribuição pelos necessitados do concelho, de acôrdo com a autoridade administrativa;

i) Afixação dum quadro pedindo aos hóspedes que não dêem esmolas;

j) Fazer a direcção da Associação de Classe dos Proprietários e Arrendatários de Águas Minerais, junto dos seus colegas, a maior propaganda destas medidas e bem assim alvitrar a organização de festas, de quando em quando, tendo em vista acudir aos necessitados da região;

l) Idêntica propaganda feita pela direcção da Associação de Classe dos Proprietários de Hotéis e Restaurantes, Direcção Geral da Assistência, Sociedade de Propaganda de Portugal e Repartição do Turismo.

Todas as resoluções constantes das alíneas f), g), h) e i) foram rigorosamente cumpridas.

## II.—Propaganda turística

A propaganda turística do país, por meio duma larga publicidade, é absolutamente indispensável.

Dada a insuficiência de recursos e a falta de iniciativa de quasi todos os municípios do país e da maior parte das empresas particulares que do turismo vivem: agências de excursões, hotéis, estâncias de águas, etc., torna-se necessário conjugar todos os esforços num mesmo sentido, sendo, nestas condições, possível conseguir-se uma propaganda útil e proveitosa para o país.

Entendemos, em matéria de propaganda, que dispersar iniciativas é cometer um erro grosseiro. Na impossibilidade de fazermos uma propaganda individual útil, devemos-nos, para este efeito, associar.

Todos os hotéis de categoria, empresas de águas, municipalidades, etc., concorreriam para um fundo comum de publicidade.

Na Suíça, o país modelo sobre o ponto de vista do turismo, a propaganda é feita, em grande parte, pela Sociedade de Hoteleiros.

Não constituindo, por ora, os hotéis entre nós a força que representam na Suíça, havendo, por conseguinte, a necessidade de os associar, para efeitos de propaganda, às empresas termais, municípios, associações comerciais, sindicatos de iniciativa, etc., afigura-se-nos que este fundo



deverá ser instituído junto da mais importante instituição de propaganda turística que é, evidentemente, a Sociedade de Propaganda de Portugal. Esta Sociedade delegará numa comissão especial, de que fariam parte dois membros dessa Sociedade, dois do Conselho do Turismo, um da Associação dos Proprietários e Arrendatários de Águas Minerais, um dos Proprietários de Hotéis e Restaurantes e um da Câmara Municipal de Lisboa, a gerência deste fundo especial, ficando a seu cargo a orientação dos trabalhos de publicidade e reclamo.

Nestas condições propomos:

a) Que se promova entre os mais importantes hoteleiros do país, municipalidade de terras de turismo, empresários de águas minerais, sindicatos de iniciativa, associações comerciais de localidades de turismo, a constituição dum fundo especial para propaganda;

b) Que se nomeie uma comissão composta de dois vogais do Conselho de Turismo, dois da Sociedade de Propaganda de Portugal, um da Associação de Arrendatários de Águas Minerais, outro da Associação de Proprietários de Hotéis, outro da Câmara Municipal de Lisboa, para encetarem, no mais curto prazo, os trabalhos para a constituição deste fundo;

c) Que as verbas obtidas, menos 10 por cento, que reverterá para o fundo de reserva, devam ser integralmente gastas para os assuntos de propaganda do país, por meio de anúncios luminosos, cartazes, anúncios nos jornais e revistas importantes, artigos, etc.;

d) Que seja elaborado um regulamento especial para administração deste fundo.

### III.—Necessidade de restringir as concessões de águas mínero-medicinais

Portugal é dos mais ricos países em nascentes de águas mínero-medicinais, algumas das quais gozam justificadamente dum grande renome.

Segundo a classificação dos hidrologistas alemães, que também foi perfilhada pelo Sr. Dr. Oliveira Luzes, no seu valioso estudo sobre águas minerais portuguesas, publicado num opúsculo da Sociedade de Propaganda de Portugal, as águas mínero-medicinais dividem-se em nove grupos, a saber:

- 1) Águas mui pouco mineralizadas, frias;
- 2) Águas mui pouco mineralizadas, quentes;
- 3) Águas mui pouco mineralizadas, gasosas;
- 4) Bicarbonatadas cálcicas;
- 5) Bicarbonatadas sódicas;
- 6) Águas salgadas;
- 7) Águas sulfatadas;
- 8) Águas ferruginosas;
- 9) Sulfúreas.

Todos estes grupos se encontram representados em Portugal por águas duma constituição verdadeiramente notável. Do primeiro grupo poderemos apresentar como exemplo: *Luso*. Dos segundo e terceiro, *Gerez* e *Lombadas*, respectivamente.

No quarto grupo as águas de *Moura* e *Melgaço* são geralmente apontadas como as melhores. No quinto, as de *Vidago* e *Pedras Salgadas*. No sexto, *Mouchão da Póvoa*, *Cucos* e *Amieira*. No sétimo, *Curia*. No oitavo, *Montachique* e *Casais*. No nono, *Marrão*, *Vizela*, *Moledo*, *S. Pedro do Sul*, etc.

Na exemplificação que acabamos de fazer só tivemos o embaraço da escolha, tantos são os mananciais com propriedades terapêuticas que brotam por todos os lados no nosso país, segundo o distinto engenheiro, Sr. An-



tónio Maria da Silva<sup>1</sup>: nascentes salinas, proto-termiais e sulfúreas, cloro-sulfatadas e acidentais nos depósitos mesozóicos e terciários de Entre-Vouga e Sado, e litoral do Algarve; águas bicarbonatadas, gaso-carbónicas e sulfúreas, propriamente ditas, no antigo Planalto da Mezeta Ibérica.

O nosso notabilíssimo e abundante filão hidro-mineral, que, quando convenientemente aproveitado, deve converter-se numa das maiores riquezas nacionais, se não fôr objecto dum cuidadoso estudo por parte das estações competentes, a fim de se determinarem as condições em que se deve fazer a sua exploração, pode transformar-se facilmente num factor de desequilíbrio económico, constituindo um elemento de ruína, em vez dum elemento de riqueza.

Segundo a legislação vigente sobre o assunto, o direito de registo de águas minerais, para efeitos de concessões, é ilimitado, sendo facilimo e pouco dispendioso o processo para a sua obtenção.

Na nossa opinião, este regime de liberdade e facilidades, em matéria de tam grande importância, não pode de forma alguma convir à economia do país.

O registo de águas mínero-medicinais atingiu já um número considerável, demasiadamente grande para o nosso país. Não nos parece que êle necessite de mais águas com qualidades medicinais do que aquelas que já estão em exploração, ou em via de serem exploradas.

Tam variada é a sua constituição, apresentando, como vimos, quasi todos os tipos de águas conhecidos, que elas bastam para as necessidades gerais.

Para que consentir, pois, o registo de mais águas de tipos já existentes e explorados?

Cada nova nascente que se pretenda explorar só deve prejudicar as que já existem.

São pobres, em geral, os nossos estabelecimentos hidro-termiais, quasi todos êles carecendo de importantes melhoramentos para poderem concorrer com os seus congêneres de outros países em condições de receberem a clientela nacional abastada e de atraírem a estrangeira.

E preciso, para que os nossos estabelecimentos termiais se desenvolvam convenientemente e para que o Estado possa, conscienciosamente, exigir sacrificios das estâncias minerais, que se promulgue uma legislação que francamente os proteja e defenda contra novos concorrentes. Talvez esta medida não seja muito simpática; ela é contudo absolutamente indispensável, dadas as condições económicas e financeiras do nosso país. Os fruticultores, para que as árvores dos seus parques e pomares possam produzir espécies de notável contextura, arrancam-lhe, no período de formação, um grande número de frutos.

Esta poda de frutificação é bem salutar, porque permite que as espécies que ficam na árvore cresçam e se desenvolvam, atingindo proporções que sem tal operação nunca lograriam alcançar.

O Estado, pelo que diz respeito às águas mínero-medicinais, deve, na nossa opinião, imitar os cultivadores dos frutos e das flores: só deve consentir as que já estão sendo objecto de exploração, ou aquelas que o estejam dentro dum determinado prazo. Todas as outras deverão ser sacrificadas, a não ser aquelas que, pelas suas propriedades verdadeiramente excepcionais, se diferenciem de tal forma das suas congêneres que seria um absurdo, mesmo um crime, não consentir a sua exploração.

<sup>1</sup> *Nascentes termo-minerais de Portugal*, artigo publicado nas *Notas sobre Portugal*, p. 245, vol. I.



Nesta ordem de ideas tenho a honra de submeter à apreciação do Congresso as seguintes conclusões:

Deve ser alterado o decreto de 30 de Novembro de 1892, que regula o aproveitamento das nascentes de águas minerais no sentido de:

1.º Não permitir concessão de licenças para a exploração de nascentes a não ser para as de tipo ainda não existente entre nós, ou de propriedades terapêuticas excepcionais;

2.º Conceder aos actuais concessionários de águas um prazo que, em caso algum, deve ir além de quatro anos, para construírem os seus estabelecimentos de harmonia com os modernos preceitos higiénicos.

#### IV.—Indumentária

Quem, tendo conhecido as nossas províncias há vinte anos, as visitar agora, reconhecerá à primeira vista que muitos dos seus costumes tam característicos ou já desapareceram de todo ou estão em via de desaparecer.

A facilidade com que cada um hoje se desloca e a influência das grandes cidades sobre os pequenos centros tem contribuído pouco a pouco para a *desregionalização*, seja-nos permitido empregar este termo, das nossas províncias.

É claro que este facto não pode deixar de influir no turismo, e, por conseguinte, merece bem que sobre elle se fixem as atenções do Congresso, visto que os hoteleiros, mormente os das províncias, que são os mais directamente interessados, podem, querendo, opor-se à tendência desregionalizadora, não digo já dominando-a completamente, mas, pelo menos, entrando-a e entorpecendo-a, no que já prestavam ao turismo um relevante serviço.

O que torna as viagens interessantes é a novidade, o imprevisito, o *aspecto e o motivo* desconhecidos.

Se todas as terras e campos se assemelhassem, se fôsem em todos os países iguais os costumes, não valeria a pena empreender uma viagem. Na variedade de paisagem, na diversidade dos aspectos e dos panoramas, dos individuos e das raças, está a principal justificação duma viagem.

Compreende-se assim perfeitamente a necessidade que há, no interêsse do turismo, de conservar e até de desenvolver certas características regionais que não podem deixar de prender a atenção dos viajantes.

A principal destas características, e dela exclusivamente nos ocuparemos agora, é o trajo, o trajo tam variado, tam pitoresco, tam atraente do aldeão e do camponês. Do norte ao sul do país, a nossa indumentária é um conjunto perfeito e harmonioso de côres, sobre as quais a nossa vista repousa deliciosamente, constituindo um sugestivo *motivo* de turismo, sem dúvida aquele que mais pode encantar e surpreender o estrangeiro, a quem os nossos característicos trajos são absolutamente desconhecidos.

Importa, por isso, defender o trajo pitoresco do nosso habitante dos campos contra a invasão grosseira do fato incaracterístico, talhado pelos algibebes das cidades. Para isso deve-se exercer uma propaganda especial que, quanto a nós, deve partir, sobretudo, do professor de instrução primária, do médico rural e do pároco. São estas entidades, mais em contacto com o povo que nenhuma outra, que podem prestar a esta idea a mais efectiva e vantajosa colaboração. Nestas condições, temos a honra de propor:

a) Que os hoteleiros da provincia tomem a iniciativa da organização de comissões compostas de professores de instrução primária, médicos, párocos e doutras quaisquer entidades ou individuos em condições de prestarem



## Estudo sôbre a federação do turismo em Portugal

### Introdução

O turismo é a mais rica indústria dos países que tem elementos para o desenvolver, quando sabem dispor o meio social e preparar os serviços convenientemente para atrair e reter os estrangeiros, que são o grande canal para a importação do ouro.

Pôsto assim o problema, vê-se que Portugal, para desenvolver o turismo, terá de concorrer com as grandes estações de França, Itália, Suíça, Alemanha, etc.

Esta concorrência só poderá ser possível se conseguirmos dispor de grandes e luxuosos estabelecimentos apropriados, com todas as comodidades e anexos, onde os forasteiros encontrem os atractivos, facilidades e recursos que se lhe oferecem lá fora.

Só depois de assim preparados poderemos pensar a sério em fazer derivar uma parte do movimento de forasteiros para o nosso país, por meio duma boa e larga propaganda.

Pretender atrair a Portugal numerosos estrangeiros, sem estarmos habilitados a recebê-los convenientemente, é despender improficuamente trabalho e dinheiro, conseguindo apenas avolumar o nosso descrédito.

Para resolver, pois, em boas condições, o problema do turismo em Portugal é necessário começar por encarar o assunto em toda a sua generalidade, estudá-lo metódicamente em todas as suas partes e relações, para o ir solucionando parcial e gradualmente, segundo as conveniências de momento e os ensinamentos da experiência.

### Definição

O turismo não é o produto duma simples indústria, mas sim o dum conjunto muito complexo de todos os meios imagináveis e apropriados para fazer deslocar os individuos de suas casas, a fim de os atrair e reter em determinadas localidades.

Estes meios consistem:

1.º Na criação das *indústrias mães*, que constituem o chamariz, provocando a curiosidade e convencendo cada um da conveniência ou necessidade que terá de as aproveitar.

Essas *indústrias mães* que constituem os objectivos do turismo são, geralmente, as visitas a monumentos históricos, museus, preciosidades artísticas, regiões pitorescas ou a grandes fábricas; os congressos, concursos, exposições e certames de toda a ordem, as originalidades artísticas locais, os bons estabelecimentos de instrução, bem como o jôgo e os estabelecimentos de cura para o tratamento de moléstias crónicas pelos agentes naturais.

2.º As *indústrias complementares*, que oferecem:

- a) As facilidades de acesso e de comunicações;
- b) Alojamentos confortáveis e o bom tratamento;



c) Distracções e occupações úteis que encham agradavelmente o tempo dos forasteiros;

d) A boa propaganda, que torne largamente conhecidos as vantagens e atractivos que se oferecem, recordando-as com freqüente insistência.

3.º As *indústrias anexas*, que vivem à sombra do movimento criado, como são os bilhetes postais ilustrados, os pequenos objectos artisticos e originais para recordações, etc.

### Solidariedade das indústrias do turismo

As indústrias mães e complementares do turismo auxiliam-se mutuamente, tornando-se reciprocamente indispensáveis umas ao desenvolvimento das outras, de modo que formam naturalmente como que um todo ou organismo, cuja economia exige a boa coordenação funcional de todos os aparelhos componentes.

Buscar desenvolver os hotéis sem ter as indústrias mães é trabalhar para um seguro insucesso. O mesmo sucederá às empresas que tentarem montar estações de cura ou de recreio sem curar das facilidades de acesso, da boa hospedagem e das distrações dos frequentadores.

O jogo é o mais poderoso, rico e rápido atractivo do turismo; pois a empresa que tentasse explorá-lo em larga escala num deserto, sem comunicações, nem recursos da civilização, teria seguramente a falência como resultado.

É, pois, indispensável, para montar proveitosamente o turismo em Portugal, atender, logo de começo, às indústrias mães, acessórias e complementares, procurando coordená-las na sua laboração, para que se desenvolvam harmonicamente, auxiliando-se e completando-se, segundo as necessidades reciprocas que forem aparecendo.

Este trabalho implica forçosamente a criação prévia dum centro dirigente que, como um verdadeiro cérebro do organismo colectivo, regule a actividade de cada elemento, segundo as conveniências da economia geral.

### Bases da federação

Dada, porém, a variedade das indústrias subsidiárias do turismo e a sua dispersão por todo o país, com as características das variantes locais, sem ligação alguma entre si, de tipos e indoles extremamente diferentes, em número desproporcionado com o movimento, hostilizando-se muitas vezes pelos processos mais inconvenientes à colectividade e às próprias empresas, é impossível pensar em formar com elas um *trust* ou sindicato que as absorva numa empresa única.

É possível, porém, aproximá-las naturalmente, pelos seus interesses comuns ou similares, para se protegerem e auxiliarem reciprocamente nesses campos, sob a tutela amigável e protectora duma cooperação federal.

Tal é o tipo da união ou aliança a preconisar para o bom desenvolvimento da indústria do turismo em Portugal.

### Vantagens da federação

Numerosas e variadas são as vantagens que uma boa federação pode oferecer, entre as quais citaremos:

1.ª *A aquisição de capital e de crédito.*

A primeira necessidade de todas as indústrias é o capital, não só para a sua montagem e instalação, como para a sua laboração e consecutivo desenvolvimento.



O capital que nutre em larga escala as indústrias nos países mais adiantados e de maior prosperidade é fornecido por bancos industriais.

Uma instituição análoga poderá ser montada em Portugal, pelo esforço conjugado das empresas de turismo, subscrevendo cada uma com uma parte do valor dos seus capitais e propriedades, bem como com a influência e relações que tiverem na praça.

Associando com boa vontade os seus esforços, as empresas poderão obter, para cada uma, capitais muito avultados, para o desenvolvimento de que necessitam e que não lhes será fácil alcançar enquanto se conservarem isoladas como até aqui.

### 2.<sup>a</sup> Estudos técnicos.

Para a boa construção dum simples edificio ou montagem duma indústria é absolutamente necessário estudar previamente o assunto e elaborar os projectos e orçamentos em harmonia como que se tem em vista.

Da mesma forma a indústria do turismo em todo o país, com a sua imensa vastidão e complexidade, carece ser previamente estudada, tanto sob o ponto de vista geral, como em todas as suas especialidades, applicadas às condições locais das diferentes estações dispersas pelas provincias.

Estes estudos demandam o concurso indispensável de técnicos especialistas em variadíssimos assuntos: sobre construções urbanas e industriais, sobre electricidade e maquinismos diferentes, sobre várias especialidades terapêuticas, legislação, administração, comércio, etc., que só se podem obter a trôco de custosas remunerações, de que as actuais empresas isoladamente e com minguados recursos, em sua grande generalidade, não podem dispor.

Mas uma vez associadas ser-lhes há fácil contratar homens competentes que estudem e fixem em seguras bases um plano geral de exploração, determinem quais as estâncias que se acham em melhores condições para atingir maior e mais rápido desenvolvimento, as especialidades a que mais lhes convêm dedicar-se, a ordem por que se podem ir desenvolvendo com mais proveito para as próprias empresas e para a nação.

Sob os auspícios da união federal será possível elaborar bons planos dos melhoramentos a fazer em cada localidade, demonstrando claramente aos capitais as vantagens que se lhes oferecem nas novas indústrias a desenvolver ou a criar.

### 3.<sup>a</sup> Pessoal para os serviços.

Todos quantos tiverem viajado lá por fóra poderão atestar que os estabelecimentos mais prósperos, não só são dotados de edificios magníficos e adequados, como servidos por pessoal competentíssimo para receber e tratar os hóspedes, bem como para lhes satisfazer todas as necessidades, exigências e até caprichos que possam ter.

Não carecemos demorar-nos em patentear a grande falta que temos de bons hospedeiros, gerentes, criados de hotel, médicos especialistas em tratamentos pelos agentes naturais, cozinheiros higienistas, enfermeiros, engenheiros e architectos que conheçam as exigências dos estabelecimentos balneares, de fisioterapia, hospitais, etc.

Actualmente os estabelecimentos balneares e de terapia, das praias, termas e montanhas, funcionam apenas três meses no ano, não lhes sendo possível conservar o pessoal permanente e são forçados, por economia e pela força das circunstâncias, a aproveitar o que há na localidade, desprezando a competência profissional, com grande prejuizo das respectivas empresas.

Nenhum estabelecimento de cura poderá ter grande concorrência sem que esteja à sua frente, como director técnico, um médico afamado e prestigioso que capte a



confiança dos doentes e assegure a afluência de outros que se desejem curar.

Nunca um hotel dá lucros sem que os gerentes e serviços o saibam manter com elegância, disciplina, economia e asseio, de forma a agradar aos hóspedes que ali concorram.

Outro tanto se pode dizer de todas as restantes indústrias complementares e subsidiárias do turismo.

O centro da união federal poderá contratar com os estabelecimentos mais adiantados a educação do pessoal para todas as especialidades e ainda procurar para o mesmo pessoal emprêgo para todo o ano, bem como garantir-lhe acesso dos estabelecimentos de menos para os de mais concorrência, segundo as competências de cada um.

#### 4.<sup>a</sup> *Compra de material.*

A aquisição de materiais de construção, de mobiliários, maquinismos, comestíveis, matérias primas para indústrias auxiliares, como seria a de garrafas e garrações para a exportação de águas minerais, etc., poderá ser feita em muito melhores condições económicas quando adquiridas ou manufacturadas, por junto, para todos os estabelecimentos sob a direcção do centro da união federal.

#### 5.<sup>a</sup> *Aperfeiçoamento dos serviços.*

Dada a forma caótica e indisciplinada por que os serviços concernentes ao turismo se fazem, com raras excepções, por todo o país, e a impossibilidade de melhorar de súbito tal modo de ser, vê-se a vantagem que haveria se a união federal mantivesse uns inspectores autorizados que, percorrendo com demora os estabelecimentos associados, aí ensinassem, numa verdadeira escola móvel, o pessoal existente mais aproveitável, sobre os modos de fazer a escrituração, os serviços de quartos e de mesa, de cozinha, de enfermagem e dos estabelecimentos especiais, etc.

Assim, também, preparar-se-iam verdadeiros regulamentos comuns que, sem violências, melhorariam os serviços, levantariam o prestígio e facilitariam a fiscalização económica e segura das empresas associadas, podendo estabelecer um verdadeiro *kartel* em tabelas de preços harmónicos que, facilitando a afluência, eliminariam muitas hostilidades e prejudiciais concorrências que hoje alimentam o mútuo descrédito, resultando daí uma notável melhoria de lucros para todos.

#### 6.<sup>a</sup> *Redução de concorrência.*

É indiscutível que o bom êxito do turismo em Portugal depende da criação de grandes e bem servidos estabelecimentos, únicos que podem auferir lucros suficientes para remunerar condignamente o seu pessoal, atraindo vastas clientelas e dando lucros convidativos ao capital.

Existem hoje em Portugal, em via de exploração, cerca de 150 estações de praias, termas e montanhas; a grande maioria das quais vive sem oferecer condições higiénicas, nem recursos de hospedagem ou tratamento, sem recreios, nem viação em termos, e que não poderão em tempo algum atingir maior desenvolvimento. Contudo tais estâncias fazem uma terrível concorrência, impedindo o desenvolvimento das que tem elementos para aspirar a um largo futuro. Estas estâncias irão sendo espontaneamente reduzidas sob a acção dum legítimo *dumping*, à proporção que se puderem ir desenvolvendo outras de primeira e segunda ordem, em boas condições de sanidade e hygiene, de distrações e de preços para todas as classes sociais.

A união federal é a única forma possível de ir concentrando as clientelas, ao mesmo tempo que se fôrem



avolumando, com o mínimo prejuízo para todos os interesses já criados e o máximo aproveitamento do pessoal que se começa a dedicar às especialidades do turismo.

#### 7.<sup>a</sup> *Contratos vantajosos.*

O centro da união federal, contratando em nome da colectividade, poderá obter dos caminhos de ferro e mais empresas de transporte abatimentos convidativos, não só para os turistas, como para os sócios, pessoal empregado, e ainda para as mercadorias das mesmas empresas.

Poderia também propor, com segurança de sucesso, a diferentes associações de classe, a grandes empresas e até ao Estado, abatimentos para o seu pessoal, em ordem a garantir afluências em massa que poderiam ser metódicamente distribuídas pelos estabelecimentos federados, segundo as especialidades e condições locais de cada um.

Quando nem todos beneficiassem desse movimento, nem se pudesse criar compensações, eles teriam ainda participação na partilha dos lucros pelas acções que possuísem na empresa central da federação.

#### 8.<sup>a</sup> *Regulamentação do jôgo.*

O jôgo é o mais poderoso, lucrativo e rápido chamariz do turismo, sobretudo quanto é explorado em larga escala.

Mas a concessão da exploração a uma grande empresa que a localizasse em um ou dois pontos do país, como convém à moral, à economia e ao progresso nacional, encontrará a natural e intransigente opposição simultânea dessa infinidade de pequenas empresas que hoje exploram largamente o jôgo, não só em todas as praias e termas, durante as épocas balneares, mas durante o resto do ano, em todas as feiras e vilas do país, com incalculáveis prejuízos para a moral social e para a economia da nação.

A união federal do turismo, largamente interessada neste empreendimento, não só facilitaria muitíssimo ao Governo a resolução deste grave problema, mas poderia compensar as pequenas estações privadas de jôgo, nos dividendos das suas acções privativas e ainda no desenvolvimento da *biocultura* que, aproveitando a toda a massa da população, permitirá espalhar pelo país centenas de estabelecimentos de cura, de educação física, de repouso e de novas indústrias, bem como promover numerosas festas e certames que produziriam um considerável desenvolvimento do turismo, apto para espalhar a riqueza por todas as províncias.

#### 9.<sup>a</sup> *Paróquias de turismo.*

Qualquer estância do turismo, quer seja de cura, quer seja de recreio, necessita imperiosamente de oferecer, no que toca a serviços públicos locais, todos os recursos que hoje só se encontram nas grandes cidades: bons arruamentos, largos, jardins e parques, belas construções, casas higiénicas, bom sistema de esgotos, abundante e boa água potável para fins sanitários e particulares, fiscalização dos géneros alimentares, asseio e iluminação das vias públicas, desinfecções, isolamento de moléstias contagiosas, policiamento, etc.

Tais melhoramentos não se podem esperar dos municípios provincianos que desconhecem aquelas exigências e carecem de pessoal competente para as dirigir, bem como de recursos para as satisfazer.

Por outro lado essas mesmas exigências estão sendo uma das causas mais poderosas da ruína ou da vida precária da maioria das estações de turismo do país.

Forçoso é pois criar, por qualquer forma, a autonomia das estâncias do país e dar-lhes recursos para executar e manter todas as obras e serviços apontados.



Este importantíssimo problema poderá ser solucionado pelo centro federal, propondo ao Governo a criação de juntas paroquiaiss autónomas, em cada estação de turismo que se fôr desenvolvendo em condições regulamentadas, destinada a satisfazer às supramencionadas exigências locais, concedendo-lhes para isso o imposto do *kurtax*, os lucros das expropriações que fizer por utilidade pública, etc.

#### 10.<sup>a</sup> *Assistência pública nas estações de turismo.*

Um outro pêso que sobrecarrega as estações de turismo é a mendicidade e a afluência de pobres que desejam tratar-se pelos meios empregados para a cura dos que podem pagar.

O Estado não pode descurar este ponto interessante da assistência pública, cuja solução lhe seria muito facilitada pela união federal, tomando a seu cargo a montagem de hospitais, asilos, institutos de educação física para as classes pobres, mediante a isenção de contribuições, a partilha com o hospital local de 50 por cento dos seus rendimentos, acima de 6 por cento, e ainda pelo auxílio com 50 por cento do imposto lançado sobre o jôgo regulamentado.

#### 11.<sup>a</sup> *Viação.*

Muitas estações de turismo estão impossibilitadas de progredir como poderiam, pela falta de caminhos de ferro, estradas e transportes que as sirvam, outras são servidas por estradas em péssimo estado de conservação.

A união federal, constituindo uma poderosa empresa, poderia apresentar ao Governo uma relação classificada dos caminhos de ferro e estradas de que mais urgentemente se necessita, com propostas para a sua construção e conservação, proveitosas para o Estado e para o país.

Outro tanto poderia conseguir no tocante às facilidades de acesso de estrangeiros aos nossos portos.

#### 12.<sup>a</sup> *Reclame.*

Os interêsses mútuos criados pela federação entre as diferentes empresas de turismo, não só farão com que umas façam espontânea e gratuitamente o reclame das outras, mas criarão recursos para se poder fazer uma larga e bem ordenada propaganda no interior do país e no estrangeiro, pela afixação de anúncios, difusão de folhetos, em artigos e publicações jornalísticas, vistas animatógráficas e para enviar agentes competentes a fazer conferências e a empregar todos os meios habitualmente postos em prática pelos caixeiros viajantes, para atrair clientelas, criar mercados para as nossas águas minero-medicinais e pequenas indústrias originais.

#### 13.<sup>a</sup> *Seguros.*

A união federal poderá ainda oferecer aos sócios novas vantagens funcionando como cooperativa de seguros mútuos, pondo-os ao abrigo de todos os prejuízos acidentais, com o mínimo de encargos.

#### 14.<sup>a</sup> *Arbitragem entre o trabalho e o capital.*

Finalmente a união federal poderá ainda servir para conciliar as dissidências entre as empresas e o seu pessoal, bem como para garantir a êste os devidos auxílios nas doenças, na impossibilidade de trabalhar, na velhice, na educação dos filhos e na protecção às viúvas.

Êste importante problema social que hoje se impõe forçadamente ao capital e a todas as indústrias não pode ser satisfatoriamente resolvido pelas empresas isoladas e entregues exclusivamente aos próprios recursos.



## Fôrças adversas e auxiliares

Apesar de serem manifestas, numerosas e importantíssimas as vantagens que a federação das indústrias de turismo oferece às mesmas, ao Governo e ao país, não podemos deduzir delas a fácil exequibilidade de tal empreendimento.

A falta de educação adequada, de confiança mútua, de disciplina, de espírito de associação e o favoritismo que impera entre nós, representam poderosíssimos entraves, que se não devem perder de vista e contra os quais é necessário acautelar cuidadosamente, quando se queira realizar a federação das empresas do turismo.

No entanto tais dificuldades não serão invencíveis se os princípios de economia federal expostos neste trabalho encontrarem eco entre os elementos mais inteligentes e interessados no desenvolvimento das indústrias do turismo.

Desde que um bom núcleo de aderentes se queira agromiar numa comissão organizadora, embora pequena, mas com boa vontade, será possível discutir maduramente o assunto e elaborar um folheto de propaganda, mostrando com evidência as vantagens da federação, para ser distribuído por todas as empresas de águas minerais, sanatórios, casas de saúde, hotéis, casinos, empresas de recreios e de viação, a fim de se criar uma corrente de opinião que garanta uma inscrição suficiente de sócios para iniciar o empreendimento.

Não será também impossível obter a cooperação do Governo que se deverá interessar largamente pelo assunto, sob diferentes pontos de vista:

- Da economia nacional e resolução da crise financeira;
- Da produção da actividade nacional;
- Da educação física da mocidade e melhoria da raça;
- Da melhoria da hygiene pública e individual;
- Da defesa contra as invasões epidémicas;
- Da assistência pública;
- Da melhoria das classes trabalhadoras;
- Da viação pública;
- Etc.

## Solução

Aproveitando todos estes elementos auxiliares e seleccionado cuidadosamente os melhores, será possível constituir a federação sob a base dum simples Banco industrial que possa ter uma parte dos seus capitais immobilizada em acções das empresas do turismo e que tenha consignado na sua lei organica a faculdade de criar secções destinadas a produzir todas as vantagens possíveis às empresas nele interessadas.

Este Banco, como uma verdadeira cooperativa, constituir-se há com um capital importante ou ilimitado, podendo começar a funcionar logo que tenha realizado em número uma subscrição relativamente pequena (como sejam 200 contos).

Uma vez instalado poderá começar logo a tomar acções de empresas de turismo que sejam prometedoras, trocando-as por acções suas, ao par, e ficando desde logo agente das mesmas empresas, para lhes tratar de todos os interesses, inclusive do fornecimento dos capitais de que necessitarem para se desenvolver. Desta forma o Banco ir-se há desenvolvendo na proporção dos benefícios que prestar às empresas associadas e ao número das que se forem agremiando.

Uma vez constituído assim o Banco Federal, muitas empresas recorrerão a elle para lhes fornecer crédito e capitais.



O Banco fará essas transacções, segundo preceitos regulamentares, recebendo em troca o correspondente em acções das empresas subsidiadas. Assim ficará criado um duplo elo de união, interessando o Banco em todas as empresas que se forem agremiando e reciprocamente interessando as mesmas empresas, não só no desenvolvimento do Banco Federal, mas no de todas as outras consócias.

Uma tal troca de interesses dará simultaneamente a cada uma das empresas o direito de se fazer representar nas assembleas e na administração do Banco e reciprocamente, tomando conhecimento das necessidades, gerais e privativas, bem como facilitando ao mesmo tempo a economia e a segurança da boa fiscalização.

Daqui o mútuo interesse de cada um destes agrupamentos componentes da federação, na melhor economia da laboração e desenvolvimento dos outros, bem como na troca de serviços mútuos.

Tal é, na sua síntese, a organização das uniões industriais *em cacho* que tam prodigiosos resultados está produzindo na Europa central, como provam os exemplos dos bancos: Berliner Handelsgesellschaft, Deutsche, Déseonto, da Banca Commerciale Italiana, do Banco de Castela, que está hoje absorvendo vertiginosamente todas as fontes de produção industrial e comercial da Espanha, etc.

#### Perspectiva de lucros

Este Banco Federal será tanto mais fácil de montar que, só por si, representa uma empresa prometedora de largos e seguros dividendos, como é fácil de ver, atentando um pouco na forma do seu funcionamento.

Supunhamos que o Banco se acha organizado e que inicia as suas operações oferecendo-se às empresas de turismo para lhes tomar acções, abrir créditos, fornecer capitais e tratar de todos os seus interesses na Capital.

No momento actual, as empresas de turismo portuguesas encontram-se, na sua maioria, em condições precárias ou vivem sem dar dividendos apreciáveis e sem que as suas acções tenham cotação no mercado.

Nestas condições, o Banco só aceitará acções daquelas que ofereçam boas garantias de segurança e de rendimento ao capital, trocando-lhes as acções, naturalmente desvalorizadas pelas dificuldades actuais, por acções suas, ao par; ficando desta forma com os seus lucros já assegurados.

No alargamento do capital das respectivas empresas angariado pelo Banco, receberá este, sobre o valor de cada emissão, o prémio de 2 por cento.

Igual prémio de 2 por cento tirará de todas as transacções de compras e vendas que fizer por conta das empresas, bem como na importância dos estudos, nos seguros ou nos ganhos de qualquer operação que realize em benefício de qualquer das empresas.

Como representante colectivo poderá realizar contratos vantajosos e concessões de particulares e do Governo, que nenhuma empresa, só por si, poderia obter ou explorar com vantagem; tal será, por exemplo, a concessão do jôgo, retendo daí a totalidade dos lucros.

Auxiliadas pelo Banco as empresas hoje periclitantes por falta de capital, de pessoal competente e por outras causas, tornar-se hão prósperas e terão as suas acções cotadas no mercado, por preços muito superiores aos da primeira emissão, dando margem ao Banco, para vender com bons lucros, uma parte das acções tomadas, ou para distribuir largos dividendos aos seus accionistas.

O Banco receberá depósitos de capitais à ordem, não só das empresas e dos seus empregados, mas de estranhos, o que lhe permitirá alargar as suas operações, sem



necessitar empregar nelas os próprios capitais. A transferência de fundos, o câmbio, o desconto de letras, os empréstimos a curto prazo e outras operações bancárias, serão novas fontes de receita que, só por si, poderão pôr este em concorrência com os outros bancos.

Vê-se pois que, além da colocação vantajosa dos capitais nas empresas mais prometedoras da rica indústria do turismo, adquiridas em boas condições, o Banco Federal terá ainda muitas e importantes fontes de receita que de forma alguma exigem o emprêgo dos seus capitais, para lhe avolumar os dividendos.

E como prova real da perspectiva de lucros sedutores para os capitais que entrarem neste empreendimento, aí estão os bancos similares no estrangeiro a distribuir anualmente dividendos de 20 e 30 por cento.

Um Banco constituído nas bases supra será, pois, a entidade conveniente para aproveitar e activar as iniciativas e o trabalho dos particulares, hoje dispersas e divergentes, em condições de coordenar os seus esforços e os do Estado, para obter a melhoria do bem estar geral e a prosperidade da Nação.

### Previsão

É mais que provável que nos inícios do Banco, o espirito de desconfiança, a descrença nacional, bem como a indisciplina a que estamos habituados, evitarão que a maior parte das empresas de turismo se venham agremiar; mas diante das vantagens que se lhes oferecerem, e sobretudo dos factos, irão entrando pouco a pouco, por forma que, passados alguns tempos, todas as empresas que tiverem os seus interesses ligados ao desenvolvimento do turismo se encontrarão agremiadas.

### Conclusão

Vê-se, pois, pela exposição do assunto e pelos factos, que a federação do turismo é perfeitamente viável e que todas as dificuldades se vem a reduzir a três pontos essenciais:

1.º Conseguir a reunião do primeiro grupo de indivíduos autorizados que compreendam bem as vantagens da federação e estejam dispostos a trabalhar para ela;

2.º Organizar um Banco do tipo Industrial, no qual se possam ir interessando todas as empresas que se quiserem agremiar;

3.º Confiar a direcção do mesmo Banco e de todos os trabalhos a organizar nas mãos de pessoal bem competente, activo, zeloso, que se não deixe arrastar pelo favoritismo, nem pela indolência que domina no país, a fim de se poder fazer a melhor escolha e selecção do pessoal que se carecer empregar.

Caldas de Monchique, 15 de Janeiro de 1917. — *João Bentes Castel-Branco.*



# HOTÉIS NAS PROVÍNCIAS

\* \* \* Tese apresentada

ao 1.º Congresso Hoteleiro

por *L. de Mendonça e Costa*

Director da «Gazeta dos Caminhos de Ferro»



~~~~~  
LISBOA * IMPRENSA NACIONAL * 1917

TURISMO DE
PORTUGAL



Hotéis nas províncias

Accedendo ao honroso convite que me foi feito pelo solícito e incansável director da repartição do Turismo, venho trazer a minha mancheia de areia para o edificio que a tenacidade desse activo funcionário conseguiu elevar sôbre o terreno da impassibilidade que em tam grande extensão cobre o nosso país.

Até 1906 a palavra turismo era quasi ignorada entre nós. Aparte umas vagas ideas dalguns raros portugueses mais viajados e que, lá por fora, haviam tomado conhecimento dessa indústriá, vendo-lhe e apreciando-lhe os fins e os maravilhosos resultados, ninguém tratou de semear essa planta entre nós; menos de preparar terreno para a expansão da sua cultura.

De tal forma ignorada era que nem nos dicionários figurava, contentando-se o de Francisco de Almeida e Henrique Brunswick em dizer que é «*Turista* o que, por recreio, viaja à ligeira» e que «na Suíça se encontram turistas de mochila às costas e bordão na mão».

E o de Jaime de Séguier, publicado em 1911, apenas dá *Touriste* como termo francês.

Assim, quando se começou a proclamar que Portugal também podia ser um país de turismo, faltavam-nos todos os elementos — afora os atractivos naturais — para conseguir esse *desideratum*.

Dessas faltas, que muitas eram, só duma me ocuparei porque é a principal, e porque é desta que vai tratar-se no Congresso a que se destina este diminutissimo trabalho: *Hotéis*.

Convidar estranhos para virem visitar-nos e não ter alojamentos para os receber, e não ter boa comida para os alimentar, e não ter confortos para lhes oferecer, é fazer o contra-reclamo; é promover que os primeiros que venham fujam horrorizados e regressem ao seu país a dizer aos seus colegas que não pensem em ir a umas terras desprovidas das mais elementares condições de comodidade para viajantes de recreio.

O hotel é tudo para o turismo; tudo, e tanto, que muitas vezes, o excursionista prolonga por mais dias a sua estada num ponto de somenos interêsse, só porque ali encontrou um hotel onde se sente bem, e lhe permite descansar mais tempo do que projectara.

Por experiência própria o sei quando, visitando a Itália ao regressar do Egipto, me detive em Rimini a repou-sar das fadigas da viagem anterior; quando na grande viagem da América preferi Denver e Laggan para o mesmo fim; e à volta da Floresta Negra me detive em Baden-Baden oito dias, quando um só tencionava demorar-me.



Entre nós, se se fizesse estatística da afluência de visitantes e do tempo de demora destes em localidades onde se fundaram ou se transformaram os raros hotéis confortáveis que temos, ver-se-ia quanto essas localidades ganharam.

Que o digam Viseu desde que se abriu o hotel *Portugal*. Estremoz com o seu *Palace*, Leiria com o seu *Lis* e alguns outros pontos que não são povoações de banhos ou águas e onde hoje o turista pode deter-se, porque encontra um alojamento higiénico e uma mesa confortável.

Grandes esforços se tem feito entre nós para melhorar os hotéis — incitamentos, prémios até de demasiada importância — tudo tem sido inútil ou pouquíssimo produtivo, perante a indolência, a ignorância dos seus próprios interesses, por parte dos hoteleiros, e em grande parte, não há dúvida, pela falta de meios financeiros destes.

Porque — há tudo — alguns existem que desejariam melhorar as suas instalações, mas não o podem fazer por falta de capital, tanto mais que os materiais e mão de obra para tais construções custaram sempre, entre nós, muito mais do duplo do que nos outros países.

Basta ver que uma bacia de retrete com aro de madeira, e o seu autoclismo com 2 metros de tubo condutor, corrente e puxador, era, antes da guerra, fornecido pelo *Touring-Club*, de França, ao preço de 50 francos, pôsto em qualquer ponto do país. Pois aqui, esses materiais, só por si, não custavam menos de 20\$, fora transportes.

Junte-se a dificuldade de canalizar águas e esgotos, em terras onde tal não existe, e nesta situação se fará ideia dos motivos por que, embora mesmo o desejo e lhe reconheça as vantagens, gente de poucos meios se tem visto na impossibilidade de introduzir melhoramentos e saneamentos nas suas instalações hoteleiras.

Assim, à parte Lisboa, Porto, Coimbra e Braga, as estações de banhos e águas minerais, e uma ou outra localidade mais importante, como as três que acima cito, o Monte Estoril e Sintra, pode-se dizer que ainda hoje, passados 11 anos de insistentes trabalhos, toda a província está falta de hotéis que assim possam chamar-se, havendo apenas modestas casas que recebem hóspedes, algumas que se ufanam do pomposo nome de Grande Hotel, e que deveriam, quando muito, chamar-se hospedarias.

¿ Como realizar uma transformação geral destes estabelecimentos, dando-lhes um pouco de conforto moderno, muito de higiene, de comodidade e de boa mesa?

Creio que só por meio da criação duma associação, sociedade ou companhia, que centralizasse todos os elementos, e pela sua reunião os aproveitasse de forma a conseguir mútuas vantagens para hoteleiros, capitalistas e turistas.

Explicando:

Formar-se-ia uma sociedade ou companhia que poderia chamar-se dos Pequenos Hotéis da Província em Portugal, um pouco a exemplo do título da *Société des Grands Hôtels de Montagne aux Pyrénées*.

Esta companhia estudaria para cada terra a qualidade de hotel que aí conviria fundar, ou a melhoria de que era susceptível algum dos existentes.

Segundo o caso haveria hotéis de 10, 20, 30 e 50 quartos, todos providos de casas de banho e instalações sanitárias segundo o número de quartos; todos, quanto possível, com mobília, baixela, bateria de cozinha, roupas, etc., iguais.

Nas terras em que houvesse hotel que pudesse aproveitar-se, melhorando-o, seria isso preferível por combinação com o proprietário, mas ficando este subordinado à lei geral estabelecida para todos.



Os abastecimentos far-se-iam pela comissão directora, e já se vê que em todos os materiais e em muitos géneros de consumo, sendo tomadas grandes quantidades, se obteriam preços consideravelmente mais reduzidos, fazendo-se assim uma enorme economia em benefício da companhia.

O título de todos os estabelecimentos seria igual — «Hotel de Portugal». Em todas as cidades francezas há sempre o Hotel de France, como na Suíça o Schweizerhof como na Itália o Albergo de Itália. Entre nós um só existe com este título e... fui eu que o baptizei, de acordo com o seu simpático proprietário, o bem conhecido Manuel Casimiro.

Procurar-se-ia que os preços de pensão (melhor é dizermos hospedagem) e de alimentação, fôsem quanto possível uniformes; uniformes também os impressos, e a escrita, para que facilmente fôsse feita por quem não tem conhecimentos de contabilidade.

Esta uniformidade de preços daria a facilidade, por exemplo, para os turistas, de se proverem duma caderneta que a companhia forneceria, e da qual, em cada hotel, se iam cortando os coupons correspondentes aos gastos que fizessem, para liquidarem no fim da excursão como costumam fazer as agências de viagens.

Mas há mais: a direcção reúnida de numerosos hotéis serviria também para outros casos, como por exemplo:

Há um dia, em certa localidade, uma festa que se sabe atrairá forasteiros em número muito superior aos que o hotel local pode, normalmente, comportar. A direcção da companhia faria reunir ali mobiliá e baixela doutros hotéis, de pontos onde nesse dia houvesse menor movimento.

Para uma numerosa excursão ou uma festa íntima ou semelhante há que fornecer um jantar em povoação que não tem condições para isso.

A propósito me lembro de, quando a Companhia dos Caminhos de Ferro, há muitos anos, quis organizar uma visita a Leiria e Batalha, incluindo almoço e jantar lá, fui eu encarregado de organizar esse serviço; perdi tempo e trabalho e não conseguí que se pudesse dar na Batalha um almoço para 200 excursionistas, e a excursão não se fez.

Com a organização de que estou tratando, isso seria facilimo, reunindo no pequeno hotel da Batalha mobiliário, baixela e roupas pertencentes à mesma companhia, retirados das localidades próximas, como Aleoabaça, Nazaré, S. Martinho, Porto de Mós, Vila Nova de Ourém e mesmo de Leiria, Caldas e Pombal, sendo precisos. Como também a modesta cozinha do hotel da Batalha não daria para aí se fazer um almoço para 200 talheres, fácil era que também daqueles pontos viessem já preparadas as virtualhas necessárias, e mesmo os criados, práticos já, e com o fato apropriado.

Desta companhia poderiam fazer parte os actuais hoteleiros dos diferentes pontos, trocando por acções os seus estabelecimentos, segundo o seu valor, e ficando mesmo, os que para isso tivessem aptidões, gerentes do próprio hotel ingressado na grande companhia.

É de todos sabido que a indústria do hotel dá sempre bons lucros, contanto que seja bem administrada; com uma boa organização e fiscalização, e com as vantagens dos abastecimentos serem feitos por grandes quantidades, é certo que os resultados seriam excelentes.

Para o caso do turismo, praticariam os vários hotéis da sociedade, entre si, o mesmo que fazem entre si, nos diferentes países, os grandes hotéis de poderosas companhias estrangeiras — os da Companhia dos Wagons-Lits, os Carlton, os Ritz e outras: encaminhar duns para outros da mesma propriedade os hóspedes ou os passantes.



O turista que está no Ritz ou no Cecil de Paris e tenciona ir a Estocolmo ou a Nice, ou a Madrid, é naturalmente levado a alojar-se aí em hotéis da mesma firma.

Além disso, as despesas da publicidade, tratando-se de hotéis do mesmo título e organização, seriam reduzidíssimas, e até a impressão de contas, rótulos para as bagagens, etc., muito mais barata seria, havendo apenas que alterar o nome da terra.

¿Significa esta idea uma competência aos actuais hotéis da provincia? De forma alguma.

Aqueles cujos proprietários quisessem passá-los à companhia fá-lo-iam nas condições que acima indico; os que não o pudessem ou não o quisessem fazer, não seriam também prejudicados. A companhia, no seu interesse próprio, faria o reclamo das localidades onde tivesse os seus estabelecimentos; o público que viaja, os turistas, afluiriam ali em muito maior número; em breve os hotéis da companhia não seriam bastantes e os outros hoteleiros, incentivados pelo exemplo, melhorariam as suas instalações e veriam as suas casas mais frequentadas do que hoje, que os viajantes fogem delas por aí lhes faltarem comodidades, conforto e hygiene.

Para mais efectiva defesa dos que ficassem fora da companhia, estabelecer-se-ia como base que esta não instalaria em cada localidade mais que um hotel, e não poderia ampliá-lo senão passado um certo prazo ou em determinadas condições.

Que verdadeiramente, se o país precisa de turismo e o turismo precisa de hotéis e os hotéis actuais não estão nas condições nem se querem melhorar, por mais que, durante onze anos, se tenha insistido por isso, não vemos por que se devam sacrificar todos os interesses duma nação ao recio de causar um ou outro pequeno prejuízo a determinada classe.

Submeto, pois, à ponderação do Congresso do Turismo os seguintes pontos em que se concretiza a minha tese:

1.º Onze anos de trabalhos insistentes e de incitamentos junto da indústria hoteleira, sem resultados práticos de valor, são o bastante para provar que só por um processo novo e enérgico se conseguirá que nas nossas provincias haja os necessários hotéis, modestos mas limpos e cómodos, indispensáveis para se promover por todo o país uma larga corrente de turismo.

2.º Esse meio só pode ser a reunião de interesses em uma grande companhia bem organizada que trate de transformar o existente susceptível de melhoria e de fundar novos estabelecimentos onde seja necessário.

3.º A instalação destes hotéis deverá fazer-se em todas as sedes de concelho importantes e em localidades que pelo pitoresco da sua situação, monumentos, centro de irradiação de estradas importantes, etc., o justifiquem.

Em parte alguma será permitido mais que um hotel da companhia em cada localidade, salvo não existindo aí outro hotel.

4.º O Estado não deve intervir mais que facilitando a formação da companhia na sua parte financeira, isto é:

Isentando as acções e obrigações de todo o qualquer imposto, inclusive o do selo.

Isentando por 20 anos de selo os seus anúncios e reclamos.

Dando passagens gratuitas nas linhas do Estado a um inspector encarregado da visita, vigilância e fiscalização contínua de um número até 20 hotéis.

O mesmo deveriam fazer as companhias para os agentes que dependessem de utilizar-se das suas linhas.

*

Se é facto que, no actual momento, não se pode pensar em construir hotéis novos, mal se podendo mesmo



introduzir grandes melhoramentos nos existentes; não é menos certo que o Congresso Hoteleiro se reúne para estudar questões a resolver, de forma a preparar os seus efeitos para logo que o conflito europeu — quasi mundial — esteja terminado.

Para então é mester que nos preparemos rapidamente, porque Lisboa, reivindicando a sua qualidade de cais da Europa a que a sua posição geográfica lhe dá direito, aberta em grande escala a navegação para as duas Américas, terá sem dúvida um enormissimo movimento de passageiros que virão aqui desembarcar, sequiosos de visitarem os lugares dessa tremenda hecatombe, os campos onde baquearam os heróis que verteram o seu sangue generoso pela conquista da verdadeira civilização, que não é a que se afirma no aperfeiçoamento das mais potentes máquinas e processos de matar gente, mas a que irradia dessa bemdita aurora que se chama Paz e Liberdade.

Abril de 1917.

L. de Mendonça e Costa.

